

Educação Cidadã

2

BONITEZA DE UM SONHO

Ensinar-e-aprender com sentido

Moacir Gadotti



Série Educação Cidadã 2

BONITEZA DE UM SONHO

Ensinar-e-aprender com sentido

Moacir Gadotti

Ed,L | Editora e Livraria
Instituto
Paulo Freire

Série Educação Cidadã 2

BONITEZA DE UM SONHO

Ensinar-e-aprender com sentido

Moacir Gadotti

Presidente do Conselho Deliberativo do
Instituto Paulo Freire

Professor titular da
Universidade de São Paulo

São Paulo, 2011

Ed,L | Editora e Livraria
Instituto
Paulo Freire

INSTITUTO PAULO FREIRE

Moacir Gadotti	Presidente do Conselho Deliberativo
Alexandre Munck	Diretor Administrativo-Financeiro
Ângela Antunes	Diretora de Gestão do Conhecimento
Francisca Pini	Diretora Pedagógica
Paulo Roberto Padilha	Diretor de Desenvolvimento Institucional

Janaina Abreu	Coordenadora Gráfico-Editorial
Lina Rosa	Preparadora de Originais
Carlos Coelho e Isis Silva	Revisores
Kollontai Diniz	Capa, Projeto Gráfico
Ana Muriel	Projeto Gráfico
Renato Pires	Diagramação e Arte-Final
Eliza Mania	Produção Gráfico-Editorial
Cromossete	Impressão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gadotti, Moacir

Boniteza de um sonho : ensinar-e-aprender com sentido /
Moacir Gadotti. -- 2. ed. -- São Paulo : Editora e Livraria Instituto
Paulo Freire, 2011. -- (Educação cidadã ; 2)

Bibliografia.

ISBN: 978-85-61910-73-0

1. Educação 2. Educação - Finalidades e objetivos 3. Educadores -
Formação 4. Pedagogia 5. Prática de ensino 6. Professores - Formação
I. Título. II. Série.

11-00255

CDD-370.71

Índice para catálogo sistemático:

1. Educadores : Formação : Educação 370.71
2. Professores : Formação : Educação 370.71

Copyright 2011 © Editora e Livraria Instituto Paulo Freire

Editora e Livraria Instituto Paulo Freire
Rua Cerro Corá, 550 | Lj. 01 | 05061-100 | São Paulo | SP | Brasil

T: 11 3021-1168

editora@paulofreire.org

livraria@paulofreire.org

www.paulofreire.org

*Agradeço aos companheiros
Paulo Roberto Padilha e Ângela Antunes
pelas preciosas sugestões que me ofereceram
na revisão do original deste livro.*

Sumário

PREFÁCIO	
A BELEZA EXISTE EM TODO LUGAR – ÂNGELA ANTUNES	09
1. POR QUE SER PROFESSOR?	17
2. CRISE DE IDENTIDADE, CRISE DE SENTIDO	29
3. FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR	41
4. SER PROFESSOR NA SOCIEDADE APRENDENTE	49
5. APRENDER COM EMOÇÃO, ENSINAR COM ALEGRIA	59
6. EDUCAR PARA UMA VIDA SUSTENTÁVEL	73
7. EDUCAR PARA UM OUTRO MUNDO POSSÍVEL	89
8. SER PROFESSOR, SER EDUCADOR	101
CONCLUSÃO	
UMA PROFISSÃO INSUBSTITUÍVEL	113
REFERÊNCIAS	117

Prefácio

A beleza existe em todo lugar

Ângela Antunes

Diretora de Gestão do Conhecimento
Instituto Paulo Freire

Caro leitor e cara leitora,

Com entusiasmo, convido-o(a) a ler este livro. Ele fala de boniteza, de sonho, de educar com sentido. A escrita, coerente com o conteúdo de que trata, é uma belezura: leve, objetiva, crítica e esperançosa. O livro provoca a alma, a morada do sentido. E nós, leitores, educadores, vamos mergulhando na substância do texto, dialogando com ele, instigados a compreender o crucial: qual é o sentido do nosso trabalho como educadores? Qual a boniteza de ser professor? Em que consiste ensinar-e-aprender com sentido? Como realizar essa tarefa nos tempos atuais? O livro nos sensibiliza, porque reflete sobre o fundamental no ato de educar. E, assim, ele, inicialmente pequeno, revela a grandeza pelas reflexões profundas e essenciais que nos traz.

Particularmente, ao ser convidada por Moacir Gadotti para prefaciar o *Boniteza de um*

sonho: ensinar-e-aprender com sentido, senti uma felicidade especial. Uma das razões é porque seria uma oportunidade de escrever sobre algo em que acredito: ser professor é mesmo uma boniteza! Uma outra tem a ver com o autor, que foi (e continua sendo!) professor durante 45 anos, e, recentemente, aposentou-se, fazendo de sua profissão uma boniteza, ensinando-e-aprendendo com sentido ao longo desses anos. Fui aluna dele e posso testemunhar isso não apenas com o meu depoimento, mas com o de muitos e muitos de seus alunos que nunca deixaram de manifestar a gratidão e o reconhecimento pela competência, amorosidade e compromisso do autor-educador. O autor é, sem dúvida, um exemplo ímpar da boniteza de ser professor. Uma outra razão ainda é porque a boniteza e o ensinar-e-aprender com sentido são princípios que defendo. Por isso, pela satisfação da leitura que este texto me provocou, pelo conteúdo tratado e pelo autor, escrevo com especial prazer.

Qual o sentido de ser professor nos dias de hoje? Qual o sentido de ser professor quando as condições de trabalho se revelam tão precárias? Quando a escola, em muitos lugares, passa a ser espaço de destruição entre grupos de alunos? Quando entram na escola a pobreza, a violência, o individualismo, a fome, o desemprego, o

consumismo, a intolerância, a ausência de projeto? Qual o sentido de ser professor quando ele compete com tantas fontes de informação? Quando os meios de comunicação de massa não só não valorizam o trabalho do educador, como deturpam a educação das crianças, adolescentes e jovens, direcionando-os ao consumismo e ao individualismo?

Muitos de nossos alunos estão sem rumo, sem projeto de vida, sem capacidade de sonhar, sem esperança de que novas realidades possam ser construídas. Em que outro contexto, senão neste, faz-se, mais do que nunca, necessário o educador? E para fazer o quê? Contribuir para construir o sentido de muitas vidas. Tarefa difícil. Tarefa imprescindível.

Se há a desvalorização, as dificuldades, há também a revolução silenciosa que somos capazes de promover na consciência e nas atitudes daqueles que educamos. A despeito da desvalorização social que esta profissão vem sofrendo e de todas as dificuldades, a nós, educadores, não cabe a desistência ou a indiferença. Elas só nos levarão, cada vez mais, para mais longe de nossos sonhos e daquilo que nos constitui educadores. Daí que o autor enfatiza que

[...] ser professor hoje é viver intensamente o seu

tempo com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores [...] porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis.

Paulo Freire sustentava que a história é “tempo de possibilidade”, de “possibilidade coletiva”. Isso significa que cabe a cada um de nós, mas cabe a todos nós também. Nesta luta, há uma dimensão individual (como posso, na minha trajetória pessoal e profissional, estar em permanente busca de “ser mais?”) e uma dimensão coletiva (quais são os espaços de luta por uma educação de qualidade e pela valorização do educador?). Paulo Freire afirmava também que “não era esperançoso por teimosia, mas por imperativo histórico e existencial”. As páginas que se seguem neste livro são um convite à esperança, ao resgate do sentido do fazer educacional.

Moacir Gadotti, referenciado na página 160 de *Pedagogia da autonomia*, 1ª edição, de 1997, fala que “ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. O verdadeiro educador não adormece a alma, não se entrega à indiferença, não se encosta no “muro das lamentações” à espera da aposentadoria,

desgostoso de tantas insatisfações. Neste livro, Moacir Gadotti fala desses educadores, dos verdadeiros, daqueles que não perdem a capacidade de sonhar e, como as rosas, que, segundo o poeta, “não falam; ...apenas exalam o perfume que roubam de ti”, não desistem de buscar caminhos para extrair o potencial de vida em cada classe, em cada grupo de alunos. Ele educa. Tira, de dentro, aquilo que temos de bom, partejando vida, como quem sabe que ela “anda nua e pode ser vestida de desejos” (Mario Quintana) e, onde há desejo, há terreno fértil para a transformação, para projetos de vida.

Li, certo dia, que, numa cidadezinha do Planalto Norte catarinense, a busca por alguns trocados estava levando crianças a faltarem às aulas para caçar borboletas. Sempre que chega o verão, meninos correm em bando até a mata, com um objetivo único: capturar a borboleta azul, mais rara, que vale mais no mercado. “A gente faz para ajudar em casa”, confirmava Henrique, um menino de nove anos, morador de um dos bairros mais pobres da cidade. A notícia enfatizava, ainda, que Henrique, Carlos e Fábio eram algumas das dezenas de crianças que deixavam de frequentar aulas para conseguir dinheiro com a captura das borboletas.

A boniteza de ser professor é que, dependendo da educação que realizamos, podemos

contribuir para transformar o mundo “malvado” e “feio” num mundo mais justo, solidário e sustentável, em que, por exemplo, borboletas azuis deixem de ser raras porque homens e mulheres, quando crianças, como Henrique, Carlos e Fábio, tendo seus direitos garantidos, puderam frequentar as salas de aula, onde aprenderam a contemplar a paisagem da sua cidade coberta de pedacinhos cintilantes se movendo de um lado para o outro e, junto com a professora, entenderam que eles, tanto quanto as belas borboletas azuis, compartilham a mesma morada e, nela, possuem o inalienável direito do bem-viver.

Então, caro leitor e cara leitora, por que ler este livro? O que você encontrará aqui? Muitas razões que explicam a beleza ou a boniteza de ser professor. Quem é professor terá, nas páginas que se seguem, uma oportunidade de refletir sobre o seu “estar sendo professor” e sentir a felicidade e o fortalecimento do sentido daquilo que realizamos. O cotidiano do nosso trabalho muitas vezes é extenuante e vai enfraquecendo nossas forças. Uma das formas de reagir ao vazio que, de vez em quando, visita-nos é buscar entender o que fazemos. Uma maneira de tentar entender é ler, refletir sobre a prática, compartilhar. Aqui você encontrará uma boa oportunidade de reflexão.

Este livro trata do ensinar-e-aprender com

sentido, do papel do professor na escola formal, na escola regular, mas também é dirigido a todas as pessoas que educam; e, ao educar, semeiam auras, mesmo sem saber se germinarão, e não perdem a capacidade de fazer nascer em seu coração dias singulares de esperança em um outro mundo possível.

Se você, leitor ou leitora, chegou ao final desta apresentação, reforço, então, o convite para o diálogo que se abre nas páginas seguintes.

Boa leitura!

1. Por que ser professor?

A beleza existe em todo lugar. Depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade; depende da nossa consciência, do nosso trabalho e do nosso cuidado. A beleza existe porque o ser humano é capaz de sonhar.

Inspirei-me no educador Paulo Freire (1921-1997) para escrever este livro. Paulo Freire nos fala, em *Pedagogia da autonomia*, seu último livro, da “boniteza de ser gente” (1997, p. 67), da boniteza de ser professor: “ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. (ibidem, p. 160). Paulo Freire chama a atenção para a essencialidade do componente estético da formação do educador. Por isso coloquei um título que fala de sonho e de sentido. “Sentido” quer dizer “caminho não percorrido”, mas que se deseja percorrer, portanto significa projeto, sonho, utopia. Aprender e ensinar com sentido é aprender e ensinar com um sonho na mente; e a pedagogia deve servir de guia para realizar esse sonho.

Paulo Freire, em 1980, logo após voltar de 16

anos de exílio, reuniu-se com um grande número de professores, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Falou-lhes de esperança, de “sonho possível”, temendo por aqueles e aquelas que “pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar”, aqueles e aquelas que,

[...] em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina. (FREIRE apud BRANDÃO, 1982, p. 101).

Em 1997, 17 anos depois, em *Pedagogia da autonomia*, lançado três semanas antes de falecer, Paulo Freire se mantinha fiel à mesma linha de pensamento, reafirmando o sonho e a utopia diante da “malvadez neoliberal”, diante do “cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia” (1997, p. 15). Denúncia de um lado, anúncio de outro: a sua “pedagogia da autonomia” frente à pedagogia neoliberal.

Lembrando os quatorze anos da morte de Paulo Freire, neste pequeno livro, quero retomar o que ele disse e entender o seu significado

no contexto de hoje. Paulo Freire nos falava da “boniteza” do sonho de ser professor de tantos jovens deste planeta. Se o sonho puder ser sonhado por muitos¹ deixará de ser um sonho e se tornará realidade.

A **realidade**, contudo, é muitas vezes bem diferente do **sonho**. Muitos de meus alunos e alunas, seja na Pedagogia ou na Licenciatura, não pensam em se dedicar às salas de aula. Muitos revelam desinteresse em seguir a carreira do magistério, mesmo estando num curso de formação de professores. Pesam muito nessa decisão as condições concretas do exercício da profissão. Preparam-se para um ofício, e vão exercer outro.

No Brasil, o professor é desvalorizado. Há um ditado popular conhecido: “Quem sabe faz, quem não sabe ensina”. É sinistro. Essa destruição da imagem do professor custará muito caro, dizia já em 1989, o jornalista Leonardo Trevisan (1989, p. 2),

Todos dizem que gostam muito dos professores, mas

1 E somos muitos professores no mundo: 50 milhões. Somos organizados e alguma coisa podemos fazer para mudar a ordem das coisas. Segundo a Unesco (DELORS, 1998, p. 156), “a profissão de professor é uma das mais fortemente organizadas do mundo e as organizações de professores podem desempenhar – e desempenham – um papel muito influente em vários domínios. A maior parte dos cerca de 50 milhões de professores que há no mundo estão sindicalizados ou julgam-se representados por sindicatos”.

não chegam a incomodar-se muito com o fato de que há tempos eles recebem um salário de fome. O salário é a parte mais visível de uma condição – da qual decorre um papel social que se descaracterizou por completo... Só quem não quer ver não percebe o sentimento de cansaço, de esgotamento de expectativas de quem encarava com dignidade o seu desempenho profissional.

A situação vem se arrastando há anos. Em 45 anos de magistério, não tenho visto grandes melhorias. Ao contrário, ouço muitas promessas. As melhorias existem aqui e acolá, mas são pontuais e localizadas – servem apenas de exemplo –, são conjunturais e não estruturais, são provisórias, passageiras e não permanentes. Correspondem a uma política de governo e não a uma política pública de Estado.

Por isso, continuo me questionando: “Por que sou professor?”. Uma pergunta que ouço com frequência também entre meus pares.

A resposta talvez possa ser encontrada numa mensagem deixada por um prisioneiro de campo de concentração nazista, na qual, depois de viver todos os horrores da Guerra² – “crianças envenenadas por médicos diplomados; recém-nascidos

2 Essa mensagem está, na íntegra, na abertura de um pequeno e denso livro do educador e economista Ladislau Dowbor, *Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação*. Petrópolis: Vozes, 2001.

mortos por enfermeiras treinadas; mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados de colégios e universidades” –, ele pede aos professores que “ajudem seus alunos a tornarem-se humanos”, simplesmente humanos. E termina: “ler, escrever e aritmética só são importantes para fazer nossas crianças mais humanas”.

Talvez esteja aí a chave para entender a **crise** que vivemos: perdemos o **sentido** do que fazemos, lutamos por salário e melhores condições de trabalho sem esclarecer à sociedade sobre a finalidade de nossa profissão, sem justificar porque estamos lutando.

O que me leva agora a escrever este livro é justamente esse imperativo histórico e existencial que me obriga a colocar a questão do sentido do que estou fazendo. Qual é o papel do educador, da escola, da educação? O que um professor pode fazer, o que ele deve fazer, o que é possível fazer?

Em inúmeras conferências que tenho feito a professores, professoras, por este País e fora dele, além de constatar um grande mal-estar entre os docentes, misturado a decepção, irritação, impaciência, ceticismo, perplexidade, paradoxalmente, existe ainda muita esperança. A **esperança** ainda alimenta essa profissão. Há uma ânsia por entender melhor porque está tão difícil educar hoje, fazer aprender, ensinar, ânsia para saber o que fazer

quando todas as receitas governamentais já não conseguem responder. A maioria dessas professoras (as mulheres são quase totalidade), com a diminuição drástica dos salários, com a desvalorização da profissão e a progressiva deterioração das escolas (muitas delas têm hoje cara de presídio), procuram cada vez mais cursos e conferências, para obter uma resposta que não encontraram nem na sua formação inicial e nem na sua prática atual.

Entretanto, poucas são as vezes em que essas professoras encontram respostas nesses cursos. Quase sempre, ou encontram receitas tecnocráticas que causam ainda maior frustração, ou encontram profissionais da “pedagogia da ajuda”, que encantam com suas belas e sedutoras palavras, fazem rir enormes plateias numa catarse coletiva. E voltam vazias como entraram depois de assistirem ao show desses falsos pregadores da palavra. Voltam com a mesma pergunta: “O que estou fazendo aqui?” — “Por que não procuro outro trabalho?” — “Para que sofrer tanto?” — “Por que, para que ser professor?”.

Se, de um lado, a transformação nas condições objetivas das nossas escolas não depende apenas da nossa atuação como profissionais da educação, de outro lado, creio que, sem uma mudança na própria concepção deste ofício, essa transformação não ocorrerá tão cedo. Enquanto não construirmos um novo sentido para a nossa profissão,

sentido esse que está ligado à própria função da escola na sociedade aprendente, esse vazio, essa perplexidade e essa crise deverão continuar.

Em sua essência, ser professor hoje não é nem mais difícil nem mais fácil do que era há algumas décadas atrás. É diferente. Diante da velocidade com que a informação se desloca, envelhece e morre, diante de um mundo em constante mudança, o papel do professor vem mudando, senão na essencial tarefa de educar, pelo menos na tarefa de ensinar, de conduzir a aprendizagem e na sua própria formação, que se tornou permanentemente necessária.

As novas tecnologias criaram **novos espaços do conhecimento**. Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram-se educativos. Cada dia, mais pessoas estudam em casa, pois podem, de lá, acessar o **ciberespaço da formação e da aprendizagem a distância**, buscar “fora” – a informação disponível nas redes de computadores interligados – serviços que respondem às suas demandas de conhecimento. Por outro lado, a sociedade civil (ONGs, associações, sindicatos, igrejas etc.) está se fortalecendo, não apenas como espaço de trabalho, mas também como espaço de difusão e de reconstrução de conhecimentos.

Na **formação continuada**, necessita-se de

maior integração entre os espaços sociais (dominiliar, escolar, empresarial...), visando a preparar o aluno para viver melhor na sociedade do conhecimento. Como previa Herbert Marshall McLuhan (1911-1980), na década de 1960, o planeta tornou-se nossa sala de aula e nosso endereço. (MCLUHAN, 1974). O ciberespaço rompeu com a ideia de tempo próprio para aprendizagem. O espaço da aprendizagem é aqui, em qualquer lugar; o tempo de aprender é hoje e sempre.

Hoje, vale tudo para aprender. Isso vai além da “reciclagem” e da atualização de conhecimentos e muito mais além da “assimilação” de conhecimentos. A sociedade do conhecimento é uma sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem. As **consequências** para a escola, para o **professor** e para a educação em geral são enormes: ensinar a pensar; saber comunicar-se; saber pesquisar; ter raciocínio lógico; fazer sínteses e elaborações teóricas; saber organizar o seu próprio trabalho; ter disciplina para o trabalho; ser independente e autônomo; saber articular o conhecimento com a prática; ser aprendiz autônomo e a distância.

Nesse contexto, o professor é muito mais um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação. Não confundir “mediador” com “facilitador”. As máquinas, os meios, os computadores, são facilitadores. O

professor é um dirigente. Mais do que um facilitador, é um problematizador; sua função é político-pedagógica. O aluno precisa construir e reconstruir conhecimento a partir do que faz. Para isso, o professor também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos. Ele deixará de ser um “lecionador” (DOWBOR, 1998) para ser um organizador do conhecimento e da aprendizagem.

Em resumo, poderíamos dizer que o professor se tornou um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador e, sobretudo, um **organizador da aprendizagem**. Se falamos do professor de adultos e do professor de cursos a distância, esses papéis são ainda mais relevantes. De nada adiantará ensinar, se os alunos não conseguirem organizar o seu trabalho, não forem sujeitos ativos da aprendizagem, autodisciplinados, motivados.

“Ser professor” não será “um ofício em risco de extinção”?, pergunta-se Luiza Cortesão (2002). Sim, um certo professor está em risco de extinção. O funcionário da eficácia e da competitividade pode existir, mas terá se demitido da sua função de professor. Diz ela que há hoje uma evidente contradição entre o professor em branco e preto, o professor “monocultural”, bem

formado, seguro, claro, paciente, trabalhador e distribuidor de saberes, eficiente, exigente e o professor “intermulticultural” que não é um “daltônico cultural”, que se dá conta da heterogeneidade, capaz de investigar, de ser flexível e de recriar conteúdos e métodos, capaz de identificar e analisar problemas de aprendizagem e de elaborar respostas às diferentes situações educativas. Um não se pergunta por que ser professor. Simplesmente cumpre ordens, currículos, programas, pedagogias. Outro questiona-se sobre seu papel. Um está centrado nos conteúdos curriculares e outro no sentido do seu ofício. Sim, um certo professor está em risco de extinção. E isso é muito bom.

— O que é **ser professor hoje**?

— Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com **consciência** e **sensibilidade**. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marqueteiros, eles são os verdadeiros “amantes da sabedoria”, os filósofos de que nos falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber, não o dado, a informação, o puro conhecimento,

porque constroem **sentido para a vida** das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso, eles são imprescindíveis.

2. Crise de identidade, crise de sentido

— O ofício de professor está, realmente, em risco de extinção?

— Um velho professor está realmente desaparecendo e espero que nesse velho professor esteja nascendo um novo professor. Não é a profissão que está morrendo. É uma profissão que está renascendo. O professor não está morrendo, sua função não está desaparecendo, mas ela está se transformando profundamente, adquirindo uma nova **identidade**. E isso não é nada novo, pois cada geração de professores constitui sua própria identidade docente no contexto em que vive. Hoje, o contexto é o próprio mundo globalizado. O professor precisa hoje adequar sua função, ensinar, educar no mundo globalizado (ANTUNES, 2002), até para transformar profundamente o modelo de globalização dominante, essencialmente perverso e excludente.

Cícero traduziu *paideia* (formação integral do homem) como *humanitas* (formação da/para a humanidade). Não há civilização sem professores.

Não haverá uma nova civilização sem uma nova formação dos professores. Não há nação sem professores.

Escolher a profissão de professor não é escolher um ofício qualquer. Na maioria das vezes, essa escolha se dá por intuição. Muitas professoras, quando perguntadas por que escolheram essa profissão, respondem: “porque gosto de criança”. É uma resposta correta e significativa, mas não é levada em conta no processo de formação da educadora. Essa motivação é pouco trabalhada. Em geral, a sua formação limita-se a aspectos técnico-pedagógicos e não ético-políticos, que seriam mais afinados com os *motivos da sua escolha*. Além disso, o aspecto profissional tem sido descuidado por causa da confusão que é ainda frequentemente feita entre o papel de mãe e de professora, sobretudo na educação infantil. (FREIRE, 1993).

A docência, como *aprendizagem da relação*, está ligada a um profissional especial, um profissional do sentido, numa era em que aprender é *conviver com a incerteza*. Daí a necessidade de se refletir hoje sobre o *novo papel* do professor, as *novas exigências* da profissão docente, principalmente da formação continuada desse profissional.

Antes de mais nada, para entender a crise de identidade dessa profissão, é preciso colocar em evidência as suas **características atuais**. Estamos

diante de uma *profissão massificada*, o que realça seu grande alcance e sua importância estratégica. Como o conhecimento da humanidade duplica em curto espaço de tempo, esse conhecimento, também, obsolesce rapidamente, torna-se extremamente mutável. Por isso, hoje, não tem mais sentido a existência de um profissional que se limita a reproduzir o conhecimento e a cultura que outros desenvolveram. O professor hoje precisa ser capaz de **criar conhecimento**.

Estamos, também, diante de uma *profissão “genérica”* (política). Não é um ofício específico, pois o professor precisa lutar contra a exclusão social, ser animador de grupos, organizar o trabalho e a aprendizagem dele e dos alunos; sua profissão tem relação com as estruturas sociais, com a comunidade etc. Enfim, ele é um profissional que precisa ter autonomia e exercer muita liderança. Por outro lado, existem características comuns a qualquer docente, independentemente da matéria que leciona, o que torna essa profissão muito homogênea, não importando o grau de ensino no qual esteja trabalhando. A competência genérica desta profissão está, sobretudo, em seu saber político-pedagógico.

Por isso, é preciso ter cuidado especial quando se fala em “especialista” na educação. É claro que existem saberes e competências específicas,

mas separá-las, burocraticamente, é um equívoco que tem custado caro aos sistemas educacionais, tornando-os inflexíveis, apesar das declarações em contrário. Como diz Mário Osório Marques (1992, p. 113), a especificidade da formação do pedagogo

[...] exige que não se confunda ela com a formação de um especialista a mais, como se a questão fosse simplesmente a da divisão do trabalho e não, muito mais, a da articulação da ação comunicativa/collectiva. Mas, por outra *paidéia* (sic!) não se requer um generalista ou super pedagogo (sic!) a ser colocado num pedestal de autoridade, ou em posição de mando, nem mesmo na situação de simples assessoria técnica. Não se trata de alguém detentor de um saber hierárquico.

Uma terceira característica marcante dessa profissão, como já afirmamos, é que ela é constituída predominantemente de *mulheres*. Uma grande força, numa época em que a mulher está exercendo um papel cada vez mais protagonista, inserindo-se cada vez mais na vida social, política e econômica das sociedades mais avançadas. A participação da mulher na sociedade é indicador de avanço social e de desenvolvimento humano.

Finalmente, não há como negar: somos profissionais de *baixa renda*. Perdemos com isso. Mas, pensando numa “civilização do oprimido”, como costuma nos dizer o professor José Eustáquio Romão, esse profissional pode ter, por essa característica, um potencial revolucionário que outras profissões não têm, já que é uma profissão voltada para a emancipação das pessoas. A mudança vem “dos debaixo”, como sustentava Florestan Fernandes. Os “debaixo” só têm a ganhar com a transformação. Por isso, têm uma grande capacidade para gestar a transformação.

Uma pesquisa de Eurize Caldas Pessanha (1994) mostra que a professora primária era uma categoria profissional “filiada” às “camadas médias” da população. Ela foi um

[...] nicho ideal para as mulheres dos estratos mais altos das camadas médias urbanas por ser uma profissão situada do lado do trabalho não-manual na divisão social do trabalho. No entanto, atualmente esses estratos parecem ter outras aspirações, e são os estratos mais baixos que desejam ter professores primários na família,

diz a professora Marli André, na apresentação do livro de Eurize Caldas Pessanha. Para a pesquisadora Eurize Caldas Pessanha (1994, p. 28),

[...] o trabalho de professor, na forma em que se apresenta hoje, é um trabalho não-manual, assalariado, num setor não-produtivo, embora socialmente útil, da atividade humana. Sendo necessário também lembrar o fato de ser assalariado, funcionário do Estado ou de um serviço que, embora mantido por empresas privadas, é considerado um serviço “público”.

É esse serviço público que coloca o professor em pé de igualdade, esteja ele no ensino superior ou no fundamental, no setor público ou no setor privado.

Parece que todos hoje estão de acordo quando se trata da necessidade de **mudança**. A maioria afirma que a profissão docente deve mudar – sobretudo em função da complexidade da nova sociedade –, mas não se diz como, nem por que e para onde devemos mudar. Como diz Francisco Imbernón³ (2000, p. 109),

[...] não é de admirar que nos últimos tempos não apenas o professor, mas também as instituições educacionais passem uma sensação de desorientação que faz parte da confusão que envolve o futuro da escola e do grupo profissional.

Onde há desorientação, há falta de sentido. As respostas à crise são sempre na direção da

3 O autor é professor da Universidade de Barcelona.

mudança, ou melhor, da formação para a mudança, mesmo não sendo um discurso novo⁴.

Há consenso, quando se afirma que nossa profissão deve abandonar a concepção predominante no século 19, de *mera transmissão do saber escolar*. O professor não pode ser um mero executor do currículo oficial, e a educação já não é mais restrita à escola, pois está em toda a comunidade. A professora e o professor precisam assumir uma postura *mais relacional*, dialógica, cultural, contextual e comunitária. Durante muito tempo, a formação do professor era baseada em “conteúdos objetivos”. Hoje, o domínio dos **conteúdos** de um saber específico (científico e pedagógico) é considerado tão importante quanto as **atitudes** (conteúdos atitudinais ou procedimentais).

A educação do futuro deverá se aproximar mais dos “aspectos éticos, coletivos, comunicativos, comportamentais, emocionais... todos eles necessários para se alcançar uma educação democrática dos futuros cidadãos”. (IMBERNÓN, 2000, p. 11). Isso implica **novos saberes**⁵, entre eles, saber planejar, saber organizar o currículo, saber pesqui-

4 Ver o livro do grande discípulo de John Dewey, William Heard Kilpatrick (1876-1965), *Educação para uma civilização em mudança*

5 Ver os seguintes livros: de Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*; de Jacques Delors, org. *Educação, um tesouro a descobrir* e de Edgar Morin, *Sete saberes necessários à educação do futuro*.

sar, estabelecer estratégias para formar grupos, para resolver problemas, relacionar-se com a comunidade, exercer atividades socioantropológicas etc.

Como a mudança nas pessoas é muito lenta, o novo profissional que recebeu uma formação “atrasada”, centrada no saber escolar, é tentado a desistir. Antes, a transmissão do conhecimento era facilmente medida. Agora, como o professor não foi preparado para trabalhar com conteúdos atitudinais, ele desiste.

Essas mudanças essenciais para a formação inicial e continuada do professor supõem uma **nova cultura profissional**. O maior desafio desta profissão está na mudança de mentalidade que precisa ocorrer tanto no profissional da educação quanto na sociedade e, principalmente, nos sistemas de ensino. A noção de *qualidade* precisa mudar profundamente: a *competência profissional* deve ser medida muito mais pela capacidade do docente estabelecer relações com seus alunos e seus pares, pelo exercício da liderança profissional e pela atuação comunitária, do que pela sua capacidade de “passar conteúdos”.

E uma nova cultura profissional implica uma redefinição dos **sistemas de ensino** e das instituições escolares. Mas essa redefinição não virá de cima, do próprio sistema. Ele é, por essência,

conservador. A mudança do sistema deve partir do professor e de uma nova concepção do seu papel. Daí a **importância estratégica** de discutir hoje essa nova concepção, esse novo papel do professor e a redefinição da **profissão docente**.

Nesse sentido, no contexto atual, podemos identificar e confrontar duas concepções opostas da profissão docente: a *concepção neoliberal* e a *concepção emancipadora*. A primeira, amplamente dominante hoje, concebe o professor como um profissional lecionador, avaliado individualmente e isolado na profissão (visão individualista); a segunda considera o docente como um profissional do sentido, um organizador da aprendizagem, uma liderança, um sujeito político (visão social).

Por que falamos de uma concepção “emancipadora”?

Porque o papel da educação, na concepção que defendemos, é emancipar as pessoas ou, como diz Francisco Imbernón, (2000, p. 27)

[...] o objetivo da educação é ajudar a tornar as pessoas mais livres, menos dependentes do poder econômico, político e social. A profissão de ensinar tem essa obrigação intrínseca.

Numa concepção emancipadora da educação, a profissão docente tem um componente ético

essencial. Sua *especificidade* está no compromisso ético com a emancipação das pessoas. Não é uma profissão meramente técnica. A competência do professor não se mede pela sua capacidade de ensinar – muito menos “lecionar” – mas pelas possibilidades que constrói para que as pessoas possam aprender, conviver e viver melhor.

Para mim, Paulo Freire foi o protótipo desse professor emancipador. Basta dar uma olhada nas mensagens recebidas no Instituto Paulo Freire, em São Paulo, logo depois de sua morte, dia 2 de maio de 1997, assim como matérias publicadas em jornais e revistas, enfatizando esta característica e a importância do educador não só para o Brasil, mas para o mundo. Nessas mensagens, fala-se de esperança, de projeto comum, de mundo melhor, de emoção, de solidariedade. É apaixonante reler essas mensagens e artigos. Ser educador é despertar isso nas pessoas. Paulo Freire conseguiu tocar a alma das pessoas. Suas ideias poderão ter despertado controvérsias, mas não a sua pessoa. Muitas dessas mensagens dizem textualmente: “minha vida não seria a mesma se eu não tivesse lido a obra de Paulo Freire. O que ele escreveu ficará no meu coração e na minha mente”. Essa relação entre o *cognitivo* e o *afetivo* é muito forte na práxis de Paulo Freire

e também naqueles que foram influenciados por ele. Essa relação era muito forte também na sua obra. Ele não envolvia as pessoas emocionalmente só através de suas tão encantadoras falas, mas também por meio de seus escritos.

As mensagens recebidas logo depois de sua morte revelavam o impacto teórico e afetivo sobre a vida de tantos seres humanos de todas as partes do mundo. Essas manifestações terminavam sempre com o desejo de unir-se a outras pessoas e instituições para dar **continuidade ao seu legado**, ao seu compromisso, não o compromisso com os oprimidos deste ou daquele lugar, mas com os **oprimidos de todo o mundo**.

3. Formação continuada do professor

A formação do profissional da educação está diretamente relacionada com o enfoque, a perspectiva, a concepção que se tem da sua formação e de suas funções atuais. Acredito que a formação continuada do professor deve ser concebida como reflexão, pesquisa, ação, descoberta, organização, fundamentação, revisão e construção teórica e não como mera aprendizagem de novas técnicas, atualização em novas receitas pedagógicas ou aprendizagem das últimas inovações tecnológicas.

A nova formação permanente, segundo essa concepção, inicia-se pela *reflexão crítica sobre a prática*. Examinar as teorias implícitas, estilos cognitivos, preconceitos (hierarquia, sexismo, machismo, individualismo, intolerância, exclusão etc.). Como diz Paulo Freire, “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”. (FREIRE, 1997, p.

43). E essa reflexão crítica não se limita ao seu cotidiano na sala de aula pois, como diz Francisco Imbernón (2000, p. 40), a sua reflexão

[...] atravessa as paredes da instituição para analisar todo tipo de interesses subjacentes à educação, à realidade social, com o objetivo concreto de obter a emancipação das pessoas.

Nesse sentido, deve-se realçar a importância da *troca de experiências entre pares*, através de relatos de experiências, oficinas, grupos de trabalho:

Quando os professores aprendem juntos, cada um pode aprender com o outro. Isso os leva a compartilhar evidências, informação e a buscar soluções. A partir daqui os problemas importantes das escolas começam a ser enfrentados com a colaboração entre todos. (IMBERNÓN, 2000, p. 78).

Na formação continuada do professor, outro eixo importante é o da discussão do projeto político-pedagógico da escola (PADILHA, 2001; ANTUNES, 2002), a elaboração de projetos comuns de trabalho de cada área de interesse do professor, frente a desafios, problemas e necessidades de sua prática. É preciso formar-se para a cooperação. Como diz Francisco Imbernón (2000, p. 81), “a colaboração, mais que uma estratégia de gestão, é uma filosofia de trabalho”. Os sistemas

de ensino investem na formação individualista e competitiva do professor, quando o mais importante é a formação para um projeto comum de trabalho, a **formação política do professor**. Mais do que uma formação técnica, a função do professor necessita de uma formação política para exercer com competência a sua profissão.

Em síntese, a nova formação do professor deve estar *centrada na escola*, sem ser unicamente escolar, sobre as práticas escolares dos professores, desenvolver na prática um **paradigma colaborativo** e cooperativo entre os profissionais da educação. A nova formação do professor deve basear-se no diálogo e visar à redefinição de suas funções e papéis, à redefinição do sistema de ensino e à construção continuada do projeto político-pedagógico da escola e do próprio professor.

Muito *sofrimento* da professora, do professor, poderia ser evitado se sua formação inicial e continuada fosse outra, se aprendesse menos técnicas e mais atitudes, hábitos, valores. Antes de se perguntar o **que deve saber para ensinar**, a professora deve se perguntar por que ensinar e **como deve ser para ensinar**. Muito desconforto e insegurança poderiam ser evitados se o professor, a professora, aprendessem a organizar melhor seu trabalho e os de seus alunos e alunas, se aprendessem a sistematizar e avaliar mais dialogicamente,

se tivessem aprendido a aprender de forma cooperativa: o individualismo da profissão mata de ansiedade e angústia, leva ao sofrimento e até ao *martírio* do professor compromissado e à *desistência* daquele que perdeu a esperança.

Para evitar o *martírio* e a *desistência*, os sistemas escolares e as escolas necessitam de uma ajuda externa, de uma *assessoria pedagógica*. Não para fazer o trabalho que cabe às instituições. Minha experiência mostrou-me que a assessoria deve apenas *ajudar a escola a inovar*. Não devemos “implantar” inovações de fora, por melhores e mais bem intencionados que sejam os “amigos da escola”. A escola é que deve ser protagonista e não os assessores. Toda inovação que vem de fora está fadada ao fracasso. Os numerosos exemplos de “implantação” de inovações feitas pelos sistemas de ensino são mera determinação exterior, artificial e separada dos contextos pessoais e institucionais em que trabalham os profissionais da educação nas escolas.

A experiência do Instituto Paulo Freire nos mostrou, por exemplo, que o seu *Projeto da Escola Cidadã*, iniciado por Paulo Freire, logo depois de haver deixado a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em 1991, não pode ser “implantado”

sob pena de fracassar⁶. Todo professor é e deve ser, necessariamente, um mau “implantador” de ideias dos outros. E é ótimo que assim seja, porque ele deve ser autônomo, ele precisa assumir, construir e conquistar sua autonomia profissional. O que a assessoria externa pode fazer é propor uma colaboração na identificação das *necessidades* e construir, com a escola, as *respostas* a essas necessidades. Para isso, precisamos dispor de **estratégias**. Envolver a comunidade interna e externa da escola é essencial para qualquer inovação.

O agente protagonista é o profissional da escola e não o assessor. O assessor, como guia e mediador entre iguais, amigo crítico,

[...] deveria intervir a partir das demandas dos professores ou das instituições educacionais com objetivo de auxiliar no processo de resolver os problemas ou situações problemáticas profissionais que lhes são próprios. (IMBERNÓN, 2000, p. 88).

Por isso,

[...] a comunicação, o conhecimento da prática, a capacidade de negociação, o conhecimento de técnicas de diagnóstico, de análise de necessidades, o favorecimento da tomada de decisões e o

6 Para mais informações sobre os projetos do Instituto Paulo Freire, acesse o site www.paulofreire.org.

conhecimento da informação, são temas-chave na assessoria. (ibidem, p. 94).

Pela legislação brasileira, hoje a formação continuada do professor em serviço é um direito. Contudo, para que esse direito seja exercido na prática, de fato, creio que são necessárias algumas condições ou exigências mínimas; entre elas:

1° – direito a pelo menos quatro horas semanais de **estudo** com os colegas, não só com especialistas de fora, para refletirem sobre a sua própria prática, dividirem dúvidas e resultados obtidos;

2° – possibilidade de frequentar **cursos** sequenciais, aprofundados em estudos regulares, sobretudo sobre o ensino das disciplinas ou campos do conhecimento de cada professor;

3° – acesso à **bibliografia** atualizada;

4° – possibilidade de sistematizar sua experiência e **escrever** sobre ela;

5° – possibilidade de participar e expor sua experiência em **congressos** educacionais;

6° – possibilidade de **publicar** a experiência sistematizada;

7° – não só sistematizar e publicar suas reflexões, mas também **colocar em rede** essas reflexões, o que cada professor, cada professora, cada escola está fazendo, por exemplo, através de

um site da secretaria de educação ou da própria escola.

A professora e professor podem ter um papel mais decisivo na construção de um novo **paradigma civilizatório** se entenderem de outra forma seu papel na sociedade do conhecimento e educarem para a humanidade. Eles e elas podem ter um poder como nunca tiveram na sociedade. E como o poder nunca é doado, mas é conquistado, as *entidades de professores* têm uma enorme responsabilidade nesse processo de nova formação inicial e continuada dos profissionais da educação.

O mundo hoje é favorável às mudanças sonhadas por educadores como Antonio Gramsci (1891-1937), que entendia o educador como um intelectual organizador da cultura; como Paulo Freire, que defendia o diálogo crítico como essência da educação; e como Florestan Fernandes (1920-1995), que sustentava que a emancipação só poderia vir a partir da organização “dos debaixo”. A *nova pedagogia* para a educação da humanidade não é apenas uma pedagogia da resistência, mas, sobretudo, uma pedagogia da esperança e da possibilidade.

4. Ser professor na sociedade aprendente

Em 2001, fiz uma enquete com meus alunos da Licenciatura da Faculdade de Educação da USP perguntando quais seriam os saberes necessários à profissão docente hoje. Eis o que eles me responderam. Para ser professor é necessário

[...] ter uma concepção de educação; ter uma formação política, ética, isto é, ter compromisso; respeitar as diferenças; ter uma formação continuada; ser tolerante diante de atitudes, posturas e conhecimentos diferentes; preparar-se para o erro e a incerteza; ter autonomia didático-pedagógica; ter domínio do saber específico que leciona; ser reflexivo e crítico; saber relacionar-se com os alunos; ter uma formação geral, polivalente e transversal.

Enfim, fazer da profissão um projeto de vida. Recentemente, tem-se realçado o caráter “reflexivo” da função docente como algo muito novo.

Todavia, não existe nenhuma teoria da educação que não defenda expressamente a necessidade da reflexão na prática do professor. Por isso, falar de “professor reflexivo” (SHÖN, 1998) pode ser considerado como redundância. Para o educador, não basta ser reflexivo. É preciso que ele dê sentido à reflexão. A reflexão é meio, é instrumento para a melhoria do que é específico de sua profissão que é construir sentido, impregnar de sentido cada ato da vida cotidiana, como a própria palavra latina “insignare” (marcar com um sinal).

A reflexão deve, portanto, ser crítica. O professor não pode ser reduzido a isto ou àquilo. Seu saber profissional, de experiência feito, de reflexão, de pesquisa, de intervenção, deve ser visto numa certa totalidade e não reduzido a competências técnico-profissionais. Educar é também arte, ciência, práxis. Realçar o caráter reflexivo do que fazer educativo do professor pode ser relevante, na medida em que se contrapõe à corrente do pensamento pedagógico pragmatista e instrumental, mas pode ser limitativo, se esse caráter não for compreendido numa certa totalidade de saberes necessários à prática educativa.

Hoje, também, fala-se muito de **competências** profissionais do professor e pouco dos **saberes**. Virou moda falar de “novas competências” (PERRENOUD, 2002), ou do “enfoque por competências”, que

lembra um pouco o debate corrente na década de 1980 entre “competência técnica” e “compromisso político”.

Como em toda moda, em toda ideologia há um fundamento. Por isso, é preciso buscar, nesse “senso comum”, o “bom senso”, como queria Gramsci. É preciso reconhecer que o contexto atual coloca novos desafios para a escola, para o ensino, o professor, o aluno etc. (GADOTTI, 2000). O professor precisa saber organizar seu trabalho, orientar o aluno a organizar o seu, saber trabalhar em equipe, participar da gestão da escola, envolver os pais, utilizar novas tecnologias, ser ético, continuar sua formação... Mas esses saberes não foram, desde sempre, os saberes necessários à prática educativa?

Paulo Freire preferia falar de “saberes” e não de competências, uma palavra associada à tradição utilitarista, tecnocrática, ao mundo da empresa, à economia, à competitividade (ao mundo do trabalho neoliberal), à eficiência, à racionalização, à avaliação... Por isso, ele fala de “saberes necessários à prática educativa” em seu *Pedagogia da autonomia*. (FREIRE, 1997).

As profissões que dependem inteiramente da tecnologia (o torneiro mecânico, por exemplo) estão vendo suas “competências e habilidades” transformarem-se rapidamente. O professor, para

o exercício das suas funções, não depende exclusivamente da tecnologia. Nem tudo muda para ele mudando a tecnologia que utilizar. No novo contexto de impregnação da informação, ele precisa continuar sua formação ao longo de toda a vida e “saber ser, saber aprender, saber conviver, saber fazer”, como diz a Unesco. (DELORS, 1998). Mas precisa continuar, como sempre, a “saber por que” está ensinando e o que está ensinando, precisa “saber pensar”. (DEMO, 2000). Necessita associar ensino, pesquisa e envolvimento comunitário. Pesquisar faz parte da própria “natureza da prática docente”, como diz Paulo Freire:

Fala-se hoje, com insistência [diz ele], no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador. (FREIRE, 1997, p. 32).

Alguns confundem competência com habilidade, entretanto competência não é habilidade: o professor pode ser competente, ter conhecimentos profundos

de uma determinada disciplina e não ter habilidades práticas para o ensino, não saber ensinar. A educação não é só ciência, mas é também arte. O ato de educar é complexo. O êxito do ensino não depende tanto do conhecimento do professor, mas da sua capacidade de criar espaços de aprendizagem, vale dizer, “fazer aprender”, e de seu projeto de vida de continuar aprendendo.

Nesse contexto, devemos destacar as “competências de vida” ou os “saberes de experiência feitos”, como costumava dizer Paulo Freire. Há competências de vida que não se enquadram nas competências dos campos profissionais específicos. A questão das competências está ligada ao tema **como aprendemos**. Aprendemos atuando, empreendendo, agindo. A ação gera saber, habilidade, conhecimento. Agindo, por exemplo, aprendemos técnicas e métodos sobre “como fazer”. E, muitas vezes, por não termos sido formados para reconhecer essas competências, não sabemos ensinar como fazemos, como chegamos a ter êxito no que fazemos.

Paulo Freire foi um mestre do respeito desse **saber**, dessas competências de vida. Para ele, aprender é conhecer melhor o que já se sabe, para poder ter acesso a novos conhecimentos. Essa é não apenas uma técnica pedagógica, mas um ato pedagógico e uma concepção de vida que parte do

acolhimento, com respeito, de um ser que conhece e quer aprender mais.

Há um movimento, sobretudo na Europa, para reconhecer (certificar) as competências das pessoas (sobretudo adultas) que não passaram pela certificação da escola. Qual o sentido do reconhecimento das competências de vida das pessoas?

Creio que essa certificação só faz sentido se não for burocrática, isto é, se valorizar a capacidade de aprender das pessoas. Reconhecer uma competência ou habilidade estimula e motiva as pessoas a continuar aprendendo, a “pensar a sua prática para transformá-la”, como queria Paulo Freire.

O surgimento desse debate em torno da **certificação** de todas as competências das pessoas não deve ser invalidado pela possibilidade de controle social que traz em si mesmo. Este debate também traz algo positivo, na medida em que encarna o surgimento de uma nova sociedade, de uma sociedade essencialmente aprendente.

A sociedade contemporânea está marcada pela **questão do conhecimento**. E não é por acaso. O conhecimento tornou-se peça-chave para entender a própria evolução das estruturas sociais, políticas e econômicas atuais. Fala-se muito hoje em sociedade do conhecimento, às vezes, com impropriedade. Mais do que a era do conhecimento, devemos dizer que vivemos a era da informação,

pois percebemos com mais facilidade a disseminação da informação e de dados, muito mais do que de conhecimentos. O acesso ao conhecimento é ainda muito precário, sobretudo em sociedades com grande atraso educacional.

Como ser professor na sociedade aprendente?

Hoje, as teorias do conhecimento na educação estão centradas na aprendizagem, no ato de aprender, de conhecer.

O que é conhecer?

Conhecer é construir categorias de pensamento, é “ler o mundo e transformá-lo”, dizia Paulo Freire. Não é possível construir categorias de pensamento como se elas existissem *a priori*, independentemente do sujeito que conhece. Ao conhecer, o sujeito do conhecimento reconstrói o que conhece.

Como conhecer?

Só é possível conhecer quando se deseja, quando se quer, quando nos envolvemos profundamente com o que aprendemos. No aprendizado, gostar é mais importante do que criar hábitos de estudo, por exemplo. Hoje, se dá mais importância às metodologias da aprendizagem, às linguagens e às línguas estrangeiras, do que aos conteúdos. A transversalidade e a transdisciplinaridade do conhecimento é mais valorizada do que os

conteúdos longitudinais do currículo clássico.

Frente à disseminação e à generalização do conhecimento, é necessário que a escola e o professor, a professora, façam uma seleção crítica da informação, pois há muito lixo e propaganda enganosa sendo veiculados. Não faltam, também, na era da informação, encantadores da palavra para tirar algum proveito, seja econômico, seja religioso, seja ideológico.

Conhecer é importante porque a educação se funda no conhecimento e este na atividade humana. Para inovar é preciso conhecer. A atividade humana é intencional, não está separada de um projeto. Conhecer não é só adaptar-se ao mundo. É condição de sobrevivência do ser humano e da espécie.

Antes de conhecer, o sujeito se interessa por..., é “curioso”, é “esperançoso”, repetia Paulo Freire. Daí a importância do trabalho de “sedução” (Nietzsche) do professor, da professora, frente ao aluno, à aluna. Seduzir, no sentido de encantar pela beleza, e não como técnica de manipulação. Daí a necessidade da motivação, do encantamento. Motivação que deve vir de dentro do próprio aluno e não da propaganda. É preciso mostrar que “aprender é gostoso, mas exige esforço”, como dizia Paulo Freire no primeiro documento que encaminhou aos professores quando assumiu a

Secretaria de Educação do Município de São Paulo.

Certamente, para se ter êxito nessa sociedade aprendente, o professor e a professora precisam ter clareza sobre o que é conhecer, como se conhece, o que conhecer, por que conhecer, mas um dos segredos do chamado “bom professor” é trabalhar com prazer, gostando do que se faz. A gente faz sempre bem o que gosta de fazer. Só é bem sucedido aquele ou aquela que faz o que gosta.

5. Aprender com emoção, ensinar com alegria

A educação é necessária para a sobrevivência do ser humano. Para que ele não precise inventar tudo de novo, necessita apropriar-se da cultura, do que a humanidade já produziu. Educar é também aproximar o ser humano do que a humanidade produziu. Se isso era importante no passado, hoje é ainda mais decisivo numa sociedade baseada no conhecimento.

O professor precisa saber, contudo, que é difícil para o aluno perceber a relação entre o que ele está aprendendo e o legado da humanidade. O aluno que não perceber essa relação não verá sentido naquilo que está aprendendo e não aprenderá, resistirá à aprendizagem, será indiferente ao que o professor estiver ensinando. Ele só aprende quando quer aprender e só quer aprender quando vê na aprendizagem algum sentido. O aluno não deixa de aprender porque é “burrinho”. Ao contrário, às vezes, a maior prova de inteligência encontra-se na sua recusa em aprender. Aprender

der vem de “ad” (junto de alguém ou algo) e “praehendere” (tentar prender, agarrar, pegar). Aprendemos porque **somos seres inacabados**: as tartarugas nascem “sabendo” o que precisam. Nascem na praia sem a presença da mãe. Mesmo assim, “sabem” que devem ir logo para o mar, caso contrário, podem acabar na boca de algum predador.

Os seres humanos, contudo, nascem frágeis; se abandonados, mesmo com alguns meses de vida, morreriam, se os pais não os alimentam.

Nós, seres humanos, não só somos seres inacabados e incompletos como temos consciência disso. Por isso precisamos aprender “com”. Aprendemos “com” porque precisamos do outro, fazemo-nos na relação com o outro, mediados pelo mundo, pela realidade em que vivemos.

O que acontece conosco é que, se o que aprendemos não tem sentido, se não atender alguma necessidade, não “aprendemos”. O que aprendemos tem de “significar”. Alguma coisa ou pessoa é significativa quando deixa de ser indiferente. Esquecemos o que aprendemos sem sentido, o que não pode ser usado. Guardar coisa inútil é burrice.

O corpo aprende para viver. É isso que dá sentido ao conhecimento. O que se aprende são ferramentas,

possibilidades de poder. O corpo não aprende por aprender. Aprender por aprender é estupidez. (ALVES, 2002, p. 3).

Todo ser vivo aprende na interação com o seu contexto: aprendizagem é relação com o contexto. Quem dá significado ao que aprendemos é o contexto. Por isso, para o educador ensinar com qualidade, ele precisa dominar, além do texto, o “com-texto”; além de um conteúdo, o significado do conteúdo que é dado pelo contexto social, político, econômico, histórico... do que ensina. Nesse sentido, todo educador é também um historiador.

Nós, educadores, precisamos ter clareza do que é **aprender**, do que é “aprender a aprender”, para entendermos melhor o ato de ensinar. Não basta saber como se constrói o conhecimento. Nós precisamos dominar outros saberes da nossa difícil tarefa de ensinar. Precisamos saber o que é ensinar, o que é aprender e, sobretudo, como aprender.

O que é aprender?

Aprender não é acumular conhecimentos. Aprendemos história não para acumular conhecimentos, datas, informações, mas para saber como os seres humanos fizeram a história para fazermos história. *O importante é aprender a pensar* (a realidade, não pensamentos),

aprender a aprender.

É o sujeito que aprende através da sua experiência. Não é um coletivo que aprende. Mas é no coletivo que se aprende. Eu dialogo com a realidade, com autores, com meus pares, com a diferença. Meu texto, este texto que estou escrevendo agora, por exemplo, é resultado de um diálogo: diálogo com o contexto, com os educadores, presentes em diversas palestras, com os autores que li etc.

Aprende-se o que é significativo para o projeto de vida da pessoa. Aprende-se quando se tem um projeto de vida. *Aprendemos a vida toda*. Não há tempo próprio para aprender. E mais: *é preciso tempo para aprender* e para sedimentar informações. Não dá para injetar dados e informações na cabeça de ninguém. Exige-se também disciplina e dedicação. Como diz Paulo Freire: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (FREIRE, 1997, p. 25).

Só aprendemos quando colocamos **emoção** no que aprendemos. Por isso, é necessário ensinar com **alegria**. (SNYDERS, 1986). Nossas escolas continuam preocupadas em ensinar e não param para pensar o que é ensinar, como se aprende, porque se aprende. “Dar aulas” tem-se constituído na única preocupação da escola. Tudo se resume na “aula”. Precisamos parar para pensar a escola, pensar no que estamos fazendo. O profes-

sor Pedro Demo acha inacreditável que a escola prossiga meramente “dando aulas”, em vez de estar cuidando da “aprendizagem de todos os estudantes”. (DEMO, 2001).

Um **concurso para professores** traça o perfil do candidato. Elabora questões. Define bibliografia. Define o processo de seleção: dá pesos diferentes (juízo de valor) às partes da prova escrita, faz ou não entrevistas, considera ou não o “tempo de serviço”, a experiência, a prática, considera ou não os títulos... Um concurso para professores define “o professor” que quer. Somos escolhidos.

E nós, professores, escolhemos também? Que sentido tem nos submetermos ao processo de seleção? Queremos ser aprovados para quê? Há um projeto que nos move? Ou nos submetemos passivamente ao “perfil” exigido pelo concurso? Por que não definimos as características a serem valorizadas no processo de seleção? Por que não definimos o processo de seleção? Com quem trabalharemos? Com quem construiremos um projeto de vida, de escola, de educação, de sociedade? O que nossos alunos e alunas esperam de nós? Precisamos passar no “concurso do sentido” que tem o nosso fazer pedagógico. Precisamos usar estrategicamente os concursos públicos para professor para viabilizar um projeto de vida, um sonho.

Emprego. O sistema trata o professor apenas

como uma “vaga”? O sistema, ao abrir um concurso, está chamando para um emprego. E nós, estamos nos candidatando a uma vaga, ou a um projeto de vida a ser realizado, a um sonho?

E, finalmente, conseguimos um “emprego”. E agora? É cada vez mais difícil manter-se no “emprego”, na profissão, principalmente pelo desrespeito, pela indisciplina, pelo desinteresse e pela violência que contaminam muitas de nossas escolas. Há muitos professores e professoras que se sentem infelizes na escola e principalmente na sala de aula. Falta interesse, falta disciplina, faltam objetivos claros, enfim, falta sentido para o que ensinam. O aluno também não vê sentido no que está aprendendo na escola. E vem a pergunta desalentadora: “Para que estou estudando isso, professora?”; “Para que estudar?”.

Em muitas de minhas palestras, uma pergunta, dita de diversas maneiras, me chega à mesa: “O que devo fazer?”; “O que o senhor faria no meu lugar?”.

O aluno quer saber, mas não quer aprender, não quer aprender o que lhe é ensinado e nem como lhe é ensinado. E o conflito, o desinteresse, a indisciplina, a violência nas escolas estão crescendo. A escola ensina num paradigma e o aluno aprende num outro. O que fazer diante do paradoxo: **o aluno quer saber, mas não quer aprender?**

A escola precisa estar atenta às mudanças profundas que o contexto midiático contemporâneo está provocando na cabeça de crianças e jovens. Em média, no mundo, uma criança passa quatro horas diárias em frente à televisão. No Brasil, são oito horas. Em média, no mundo, a criança passa oito horas diárias na escola. No Brasil, são 4 horas. E mais: os professores passam mais tempo com as crianças do que os pais. Passamos muito tempo na escola, passamos muito tempo diante da televisão.

A criança passa muito tempo sentada diante da televisão porque sente prazer em ficar lá. O que o professor fala não exerce o mesmo fascínio da TV.

Cada vez mais as crianças chegam à escola transportando consigo a imagem de um mundo – real ou fictício – que ultrapassa em muito os limites da família e da comunidade de vizinhos. As mensagens mais variadas – lúdicas, informativas, publicitárias – transmitidas pelos meios de comunicação social entram em concorrência ou em contradição com o que as crianças aprendem na escola. Estas mensagens televisivas surgem sempre organizadas em rápidas sequências (sic) o que, em numerosas regiões do mundo, têm uma influência negativa sobre a capacidade de manter a atenção, por parte dos alunos

e, portanto, sobre as relações na aula.

Passando os alunos menos tempo na escola do que diante da televisão, a seus olhos é grande o contraste entre a gratificação instantânea oferecida pelos meios de comunicação – que não lhes exige nenhum esforço – e o que lhes é exigido para alcançarem sucesso na escola. Tendo assim perdido, em grande parte, a preeminência que tinham na educação, professores e escola encontram-se confrontados com novas tarefas: fazer da escola um lugar mais atraente para os alunos e fornecer-lhes as chaves de uma compreensão verdadeira da sociedade da informação.

O professor deve estabelecer uma nova relação com quem está aprendendo, passar do papel de “solista” ao de “acompanhante”, tornando-se não mais alguém que transmite conhecimentos, mas aquele que ajuda seus alunos a encontrar, organizar e gerir o saber, guiando, mas não modelando os espíritos, e demonstrando grande firmeza quanto aos valores fundamentais que devem orientar toda a vida. (DELORS, 1998, p. 154-155).

Essas considerações são do Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século 21 e me parecem muito apropriadas

para explicar as dificuldades enfrentadas hoje pelos professores. São pistas para enfrentar a questão: “O que devo fazer?” “O que o senhor faria no meu lugar?”. Mas, é claro, elas não dão conta de toda a complexa questão do “saber ensinar”.

Diante das **dificuldades da prática docente**, do desencanto dos nossos alunos, muitos e muitas professoras são vítimas da “síndrome da desistência”⁷. Ela é expressa na exaustão emocional provocada pelo aumento da quantidade de trabalhos e pela despersonalização provocada pela sua baixa valorização social e reduzida realização pessoal.

São essas dificuldades que nos levam à pergunta de sempre: por que ser professor hoje? Qual é o sentido de ser professor hoje? Para que estou ensinando? Como deve ser o novo professor?

Eis, em resumo, as respostas que tenho dado com mais frequência em minhas falas, considerando o contexto da globalização e da “nova globalização” (SANTOS, 2000) emergente, que venho chamando de “planetarização” (ANTUNES, 2002;

7 Ver pesquisa sobre saúde dos trabalhadores em educação da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), *Educação: carinho e trabalho – Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*. Brasília, DF: CNTE, 1999. Essa pesquisa foi o mais amplo levantamento já realizado a respeito da educação em todo o mundo. Durante dois anos foram entrevistados 52 mil professores e funcionários de escola em 1.440 unidades das redes públicas estaduais, nos 27 estados do Brasil.

GADOTTI, 2001) e a sociedade da informação que prefiro chamar de sociedade aprendente.

1. **O novo professor é um profissional do sentido.** Diante dos novos espaços de formação (diversas mídias, ONGs, Internet, espaços públicos e privados, associações, empresas, sindicatos, partidos, parlamento...), o novo professor integra esses espaços e deixa de ser lecionador para ser um “gestor” (DOWBOR, 1998) do conhecimento social (popular); o profissional que seleciona a informação e dá/constrói sentido para o conhecimento; um mediador do conhecimento. “Gestor” aqui significa construtor, organizador, mediador, coordenador. Não se confunde com “gerente” de uma empresa.

O novo profissional da educação precisa perguntar-se: por que aprender, para quê, contra o quê, contra quem. O processo de aprendizagem não é neutro. O importante é aprender a pensar, a pensar a realidade e não pensar pensamentos já pensados. Mas a função do educador não acaba aí: é preciso pronunciar-se sobre essa realidade que deve ser não apenas pensada, mas transformada.

Muitas vezes, não vemos sentido no que estamos ensinando. E nossos alunos também não veem sentido no que estão aprendendo. Numa época de incertezas, de perplexidades, de transição, esse profissional deve construir sentido com

seus alunos. O processo ensino-aprendizagem deve ter sentido para o projeto de vida de ambos, para que seja um processo verdadeiramente educativo. O grande mal-estar de muitos de nossos professores e de nossas escolas está no “viver sem sentido” do que estão fazendo. O ato educativo está essencialmente ligado ao viver com sentido, à impregnação de sentido para nossas vidas.

2. O novo professor é um profissional que aprende em rede (ciberespaço da formação), sem hierarquias, cooperativamente (saber organizar o seu próprio trabalho). É um aprendiz permanente, um organizador do trabalho do aluno; consciente, mas também sensível. Ele desperta o desejo de aprender para que o aluno seja autônomo e se torne sujeito da sua própria formação.

Por isso, o novo professor precisa desenvolver habilidades de colaboração (trabalho em grupo, interdisciplinaridade), de comunicação (saber falar, seduzir, escrever bem, ler muito), de pesquisa (explorar novas hipóteses, duvidar, criticar) e de pensamento (saber tomar decisões).

O enfoque da formação do novo professor deve ser na autonomia e na participação, nas formas colaborativas de aprendizagem. Diz Paulo Freire:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala,

trazer o aluno até a intimidade do *movimento* de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos *cansam*, não *dorrem*. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 1997, p. 96).

3. Ensinar é mobilizar o desejo de aprender. Mais importante do que saber é nunca perder a capacidade de aprender. “Saber é saborear”, diz Rubem Alves (1981). O novo profissional da educação deve romper o divórcio entre a vida escolar e o prazer.

Para ensinar, são necessárias, principalmente, duas coisas:

- a) gostar de aprender, ter prazer em ensinar, como um jardineiro que cuida com emoção do seu jardim, de sua roça;
- b) amar o aprendente (criança, adolescente, adulto, idoso). Só aprendemos quando aquilo que aprendemos é “significativo” (Piaget) para nós e nos envolvemos profundamente no que aprendemos.

O que aprendemos deve fazer parte do nosso projeto de vida. É preciso gostar de ser professor (autoestima) para ensinar.

4. A ética é parte integrante da competência do professor, do saber ser professor. Isso significa que um professor que não tem um sonho, uma

utopia, não é comprometido... não é competente, não é ético. Não se pode educar sem um sonho. Ensinar por ensinar, mecanizar, desumanizar o processo educativo é não ser ético. Aprende-se ao longo de toda a vida, desde que tenhamos um projeto de vida. Ética do “cuidado” (BOFF, 1999), da “amorosidade”, como reiterava Paulo Freire.

A razão competente deve ser uma razão “molhada de emoção” (Freire). O papel das emoções no processo de aprendizagem é decisivo: razão e emoção não são instâncias separadas no ser que aprende (Wallon). A emoção é parte do ato de conhecer.

Em alemão, educar significa cuidar, acolher. Uma sociedade alucinada e ruidosa como a nossa não pode educar porque não pode cuidar, não pode acolher. Nela não há mais tempo para o “modo de ser cuidado”, para o encontro, mas apenas para o “modo de ser trabalho” ou exploração, nas expressões utilizadas por Leonardo Boff (1999).

5. O novo professor é também um **profissional do encantamento**. Num mundo de desencanto e de agressividade crescentes, o novo professor tem um papel biófilo. É um promotor da vida, do bem-viver, educa para a paz e a sustentabilidade. Não podemos abrir mão de uma antiga lição: a educação é, ao mesmo tempo, ciência e arte. A arte é a “técni-

ca da emoção” (Vygotski). O novo profissional da educação é também um profissional que domina a arte de reencantar, de despertar nas pessoas a capacidade de engajar-se e mudar.

6. Educar para uma vida sustentável

Três décadas de debates sobre “nosso futuro comum” deixaram algumas pegadas ecológicas, tanto no campo da economia quanto no campo da ética, da política e da educação, que podem nos indicar um caminho diante dos desafios do século 21. A **sustentabilidade** tornou-se um tema gerador preponderante neste início de milênio para pensar não só o planeta mas também a educação; um tema portador de um projeto social global e capaz de reeducar nosso olhar e todos os nossos sentidos, capaz de reacender a esperança num futuro possível, com dignidade, para todos.

O **cenário** não é otimista: podemos destruir toda a vida no planeta neste milênio que se inicia. Uma ação conjunta global é necessária, um movimento, como grande obra civilizatória de todos, é indispensável para realizarmos essa **outra globalização** (SANTOS, 2000), essa planetarização, fundamentada em outros princípios éticos

que não os baseados na exploração econômica, na dominação política e na exclusão social. O modo pelo qual vamos produzir nossa existência neste pequeno planeta, decidirá sobre a sua vida ou a sua morte, e a de todos os seus filhos e filhas.

Precisamos de uma **Pedagogia da Terra**, uma pedagogia apropriada para esse momento de reconstrução paradigmática, apropriada à cultura da sustentabilidade e da paz. Ela vem se constituindo gradativamente, beneficiando-se de muitas reflexões que ocorreram nas últimas décadas, principalmente no interior do movimento ecológico. Ela se fundamenta num paradigma filosófico⁸ emergente na educação que propõe um conjunto de saberes/valores interdependentes. Entre eles, podemos destacar:

1° – **Educar para pensar globalmente.** Na era da informação, diante da velocidade com que o conhecimento é produzido e envelhece, não adianta acumular informações. É preciso saber pensar. E pensar a realidade. Não pensar pensamentos já pensados. Daí a necessidade de recolocarmos o tema do conhecimento, do saber aprender, do saber conhecer, das metodologias, da organização do trabalho na escola.

8 Entre os principais representantes desse paradigma podemos citar: Paulo Freire, Leonardo Boff, Sebastião Salgado, Boaventura de Sousa Santos, Milton Santos, Aziz Ab'Sáber, Thomas Berry, Fritjof Capra, Edgar Morin.

2° – **Educar os sentimentos.** O ser humano é o único ser vivente que se pergunta sobre o sentido de sua vida. Educar para sentir e ter sentido, para cuidar e cuidar-se, para viver com sentido cada instante da nossa vida. Somos humanos porque sentimos e não apenas porque pensamos. Somos parte de um todo em construção e reconstrução.

3° – **Ensinar a identidade terrena** como condição humana essencial. Nosso destino comum no planeta, compartilhar com todos sua vida no planeta. Nossa identidade é, ao mesmo tempo, individual e cósmica. Educar para conquistar um vínculo amoroso com a Terra, não para explorá-la, mas para amá-la.

4° – **Formar para a consciência planetária.** Compreender que somos interdependentes. A Terra é uma só nação e nós, os terráqueos, os seus cidadãos. Não precisaríamos de passaportes. Em nenhum lugar na Terra deveríamos nos considerar estrangeiros. Separar primeiro de terceiro mundo significa dividir o mundo para governá-lo a partir dos mais poderosos; essa é a divisão globalista entre globalizadores e globalizados, o contrário do processo de planetarização.

5° – **Formar para a compreensão.** Formar para a ética do gênero humano, não para a ética instrumental e utilitária do mercado. Educar para comunicar-se. Não comunicar para explorar, para

tirar proveito do outro, mas para compreendê-lo melhor. A Pedagogia da Terra que defendemos funda-se nesse novo paradigma ético e numa nova inteligência do mundo. Inteligente não é aquele que sabe resolver problemas (inteligência instrumental), mas aquele que tem um projeto de vida solidário. Porque é bela a diversidade, porque é enriquecedora na possibilidade de criação de novas realidades e mais plenas. A solidariedade, como valor e como necessidade humana, embeleza, humaniza e promove a vida.

6^o - **Educar para a simplicidade**, para a **sustentabilidade voluntária** e para a **quietude**. Nossas vidas precisam ser guiadas por novos valores: simplicidade, austeridade, quietude, paz, saber escutar, saber viver juntos, compartilhar, descobrir e fazer juntos. Precisamos escolher entre um mundo mais responsável frente à cultura dominante que é uma cultura de guerra, do ruído, de competitividade sem solidariedade, e passar de uma responsabilidade diluída a uma ação concreta, praticando a sustentabilidade na vida diária, na família, no trabalho, na escola, na rua. A simplicidade não se confunde com a simploriedade e a quietude não se confunde com a cultura do silêncio. A simplicidade tem que ser voluntária como a mudança de nossos hábitos de consumo, reduzindo nossas demandas. A quietude é uma virtude, conquistada com a paz interior e não pelo silêncio

imposto.

É claro, tudo isso supõe **justiça**, e justiça supõe que todas e todos tenham acesso à qualidade de vida. Seria cínico falar de redução de demandas de consumo, atacar o consumismo, falar de consumismo aos que ainda não tiveram acesso ao consumo básico. Não existe paz sem justiça.

Diante do possível extermínio do planeta, surgem alternativas numa **cultura da paz** e numa **cultura da sustentabilidade**. Sustentabilidade não tem a ver apenas com a biologia, a economia e a ecologia. Sustentabilidade tem a ver com a relação que mantemos conosco mesmos, com os outros e com a natureza. A pedagogia deveria começar por ensinar sobretudo a ler o mundo, como nos diz Paulo Freire, o mundo que é o próprio universo, porque é ele nosso primeiro educador. Essa primeira educação é uma educação emocional que nos coloca diante do mistério do universo, na intimidade com ele, produzindo a emoção de nos sentirmos parte desse sagrado ser vivo e em evolução permanente.

Não entendemos o **universo** como partes ou entidades separadas, mas como um todo sagrado, misterioso, que nos desafia a cada momento de nossas vidas, em evolução, em expansão, em interação. Razão, emoção e intuição são partes desse processo, onde o próprio observador está

implicado. O paradigma-Terra é um paradigma civilizatório. E como a cultura da sustentabilidade oferece uma nova percepção da Terra, considerando-a como uma única comunidade de humanos, ela se torna básica para uma cultura de paz.

O universo não está lá fora. Está dentro de nós. Está muito próximo de nós. Um pequeno **jardim**, uma horta, um pedaço de terra, é um microcosmo de todo o mundo natural. Nele encontramos formas de vida, recursos de vida, processos de vida. A partir dele podemos reconceitualizar nosso **currículo escolar**. Ao construí-lo e ao cultivá-lo podemos aprender muitas coisas. As crianças o encaram como fonte de tantos mistérios! Ele nos ensina os valores da emocionalidade com a Terra: a vida, a morte, a sobrevivência, os valores da paciência, da perseverança, da criatividade, da adaptação, da transformação, da renovação.

Todas as nossas escolas podem transformar-se em jardins e professores-alunos, educadores-educandos, em jardineiros. O jardim nos ensina ideais democráticos: conexão, escolha, responsabilidade, decisão, iniciativa, igualdade, biodiversidade, cores, classes, etnicidade e gênero.

Paulo Freire insistia na necessidade de reafirmar a estética como dimensão fundamental da tarefa de educar. O Instituto Paulo Freire vem

dando continuidade e reinventando esse sonho de Paulo Freire. Como me escreveu um dos seus diretores, Paulo Roberto Padilha,

[...] a boniteza de ser professor está no fato de ser uma atividade desafiadora, cheia de cores, tempos e espaços diferentes. A vida do professor poderia ser dinâmica e bela se pudéssemos enchê-la de jardins, de sons, de imagens, de sentimentos... se pudéssemos resgatar a beleza que temos em nós, seres humanos. Resgatar na sala de aula e na escola, a nossa humanidade.

Concordo plenamente com ele.

Em dezembro de 2002, as Nações Unidas (UNESCO, 2005) promulgaram a Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014), com o objetivo de integrar princípios, valores e práticas de desenvolvimento sustentável em todos os aspectos da educação e do ensino. Esse esforço educacional deve encorajar os governos a reexaminar a política educacional, no sentido de reorientar a educação desde o jardim da infância até a universidade, para que esteja claramente focado na aquisição de conhecimentos, competências, perspectivas e valores relacionados com a sustentabilidade.

O **conceito de sustentabilidade** é vasto e pode

ser desdobrado em dois níveis complementares; o primeiro, relativo à natureza, e o segundo, relativo à sociedade:

1º – *sustentabilidade ecológica, ambiental e demográfica*, que se refere à base física do processo de desenvolvimento e com a capacidade da natureza suportar a ação humana, com vistas à sua reprodução e aos limites das taxas de crescimento populacional;

2º – *sustentabilidade cultural, social e política*, que se refere à manutenção da diversidade e das identidades, diretamente relacionada com a qualidade de vida das pessoas, a justiça distributiva e o processo de construção da cidadania e da participação das pessoas no processo de desenvolvimento.

A educação para o desenvolvimento sustentável, apesar de sua ambiguidade, é uma visão positiva do futuro da humanidade, um consenso apoiado por uma grande maioria. Com o aquecimento global, a Década das Nações Unidas tornou-se ainda mais atual, e pode contribuir para a compreensão das grandes crises atuais (água, alimento, energia etc.). Ela implica na mudança do sistema educacional, implica o respeito à vida, o cuidado diário com o planeta e o cuidado com toda a comunidade da vida. Isso significa compartilhar valores fundamentais, princípios éticos e conhecimentos. Contudo, não é suficiente mudar o

comportamento das pessoas; nós necessitamos de iniciativas políticas para uma mudança maior que é, necessariamente, cultural e social.

O sistema formal de educação, em geral, é baseado em princípios predatórios, em uma racionalidade instrumental, reproduzindo valores insustentáveis. Para introduzir uma *cultura da sustentabilidade* nos **sistemas educacionais**, nós precisamos reeducar o sistema. Ele faz parte do problema, não é somente parte da solução.

Estou convencido de que a sustentabilidade é um conceito poderoso, uma oportunidade para que a educação renove seus velhos sistemas, fundados em princípios e valores competitivos, e introduza uma cultura da sustentabilidade e da paz nas comunidades escolares, a fim de serem mais cooperativas e menos competitivas.

Os termos “**sustentável**” e “**desenvolvimento**” continuam vagos e controvertidos. Há uma tendência de aplicação do conceito de sustentabilidade a tudo o que é considerado bom, como um conceito guarda-chuva. O mercado considera “desenvolvimento sustentável” como sinônimo de “responsabilidade social”. Por isso, precisamos qualificar cada um deles.

Creio que devemos dar a esses dois conceitos um novo significado. De fato, “sustentável” é um termo que, associado ao desenvolvimento, sofreu

um grande desgaste. Enquanto para alguns é apenas um rótulo, para outros, ele tornou-se a própria expressão de um absurdo lógico: desenvolvimento e sustentabilidade seriam logicamente incompatíveis.

Para nós, “sustentável” é mais do que um qualificativo do desenvolvimento econômico. Ele vai além da preservação dos recursos naturais e da viabilidade de um desenvolvimento sem agressão ao meio ambiente. Ele implica num equilíbrio do ser humano consigo mesmo e com o planeta, e, mais ainda, com o próprio universo. A *sustentabilidade* que defendemos refere-se ao próprio sentido do que somos, de onde viemos e para onde vamos, como seres humanos.

A *polissemia* desses conceitos tomou e ainda está tomando muito tempo de discussão. Por isso, a expressão “desenvolvimento sustentável” continua um *conceito em disputa*. Se conceitualmente pode-se discutir os termos da Década das Nações Unidas, na prática, todos sabemos facilmente o que é e o que não é sustentável. Insustentável é a fome, a miséria, a violência, a guerra, o analfabetismo etc. O critério de superação dessa questão é a prática. Afinal, muitos outros conceitos são ambíguos, como são os conceitos de cultura, de democracia, de cidadania, autonomia, justiça, etc. Muitos conceitos possuem significados diferentes

conforme o contexto e os autores que os defendem. O grande número de definições desses conceitos não impede que os consideremos essenciais para as nossas vidas. Damos-lhes o conteúdo prático que nossos princípios e valores sociais e políticos lhes conferem.

Um bom exemplo de superação prática dessa dicotomia está na *economia popular*. Ela incorporou, desde os seus primórdios, o tema da ecologia e do desenvolvimento sustentável. Essa incorporação representa uma possibilidade de ampliação do âmbito dos empreendimentos de socioeconomia solidária, assim como ocorreu com a incorporação do enfoque de gênero, o enfoque dos direitos humanos e da defesa do controle social local. *Sustentabilidade* e *solidariedade* são temas emergentes e convergentes.

Educar para o desenvolvimento sustentável me parece um conceito limitado e limitador da educação. Não tem a abrangência necessária para se constituir uma concepção organizadora da educação. Ao contrário, o conceito de sustentabilidade é paradigmático e central na visão de um outro mundo possível. O conceito de educação para o desenvolvimento sustentável não tem potencial para transcender a noção ambígua e vaga de desenvolvimento. Só uma visão crítica da educação para o desenvolvimento sustentável poderá

nos fazer avançar. Sem dúvida, devemos continuar caminhando também com esse novo conceito, tão contraditório, como tantos outros, mas sem ignorar suas limitações. É o que nos permitirá transcendê-lo.

— O que a educação pode fazer para tornar a vida mais sustentável no planeta?

— Precisamos reorientar os programas educacionais existentes no sentido de promover o conhecimento, as competências e habilidades, princípios, valores e atitudes relacionadas com a sustentabilidade. Uma estratégia concreta para iniciar esse debate dentro de nossas escolas é fazer uma *eco-auditoria* para descobrir em pormenor onde estamos sendo realmente insustentáveis. É muito simples: basta mapear tudo o que fazemos e contrapor o que fazemos ao princípio da sustentabilidade. Na prática, não é tão difícil de identificar onde estamos e onde não estamos integrando no nosso currículo, em sentido amplo, os conceitos do desenvolvimento sustentável, tanto na história quanto nas ciências sociais, nas ciências humanas e no cotidiano das nossas escolas.

Para cada *nível de ensino* devemos adotar estratégias diferentes: no *ensino primário*, por exemplo, nossas crianças precisam vivenciar (as vivências impregnam mais do que o discurso) e precisam conhecer as necessidades das plantas e

dos animais, seu *habitat*, como reduzir, reusar e reciclar os materiais utilizados, como manter os ecossistemas ligados às florestas e águas. Num nível mais avançado precisamos discutir a biodiversidade, a conservação ambiental, as alternativas energéticas e o aquecimento global. Em *nível universitário* devemos não só difundir informações ambientais, mas produzir novos conhecimentos e fazer pesquisas voltadas para a busca de um novo paradigma de desenvolvimento.

Mais do que educar para o desenvolvimento sustentável, devemos educar para a sustentabilidade ou, simplesmente, **educar para uma vida sustentável**. Chamamos de vida sustentável o estilo de vida que harmoniza a ecologia humana e a ambiental mediante tecnologias apropriadas, economias de cooperação e o empenho individual. É um estilo de vida intencional que se caracteriza pela responsabilidade pessoal, serviço aos demais e uma vida espiritual com sentido. Um estilo de vida sustentável relaciona-se com a ética na gestão do meio ambiente e na economia, buscando satisfazer as necessidades de hoje em equilíbrio com as necessidades das futuras gerações.

Enquanto o desenvolvimento sustentável refere-se principalmente ao modo como a sociedade produz e reproduz a existência humana, o modo de vida sustentável refere-se sobretudo à opção

de vida dos sujeitos. Então, não se pode voltar a atenção apenas para o educar para o desenvolvimento, mas para a vida dos indivíduos. Mudar o desenvolvimento implica em mudar as pessoas que podem mudar o desenvolvimento. Uma coisa está diretamente dependendo da outra.

No final de novembro de 2007, foi realizada, em Ahmedabad, na Índia, a *IV Conferência Internacional sobre Educação Ambiental*. Ela celebrou o encontro difícil entre educação ambiental e educação para o desenvolvimento sustentável. A *Declaração de Ahmedabad* reflete essa necessidade de educar para uma vida sustentável. Os debates foram dominados pela presença do um pensamento central da obra de Gandhi: “minha vida é minha mensagem”. Sem dúvida, precisamos dar exemplo, precisamos ser a mudança que pregamos. A Declaração de Ahmedabad deixa isso claro: “o nosso exemplo é muito importante. Pelas nossas ações, acrescentamos substância e vigor à busca por uma vida sustentável”.

E como o estilo de vida foi um tema dominante em Ahmedabad, o **consumo sustentável** teve, nessa Conferência, muita relevância. Não dá para falar de educação para a sustentabilidade sem falar de educação para o consumo sustentável. Precisamos comer para sobreviver, mas, diferentemente dos animais, não nos alimentamos por

puro instinto. Sentimos prazer ao nos alimentar e podemos fazer escolhas. Transformamos o ato de comer num ato muito significativo. Não é uma mera satisfação de uma necessidade instintiva. Comer é também um ato cultural. As sociedades o transformaram num ato social. Há uma variedade enorme de alimentos e há alimentos suficientes para todos os habitantes da Terra. Falta é distribuí-los equitativamente.

A melhor escolha da comida é aquela produzida localmente e a pior é a que vem empacotada, de longe, e que produz muito mais lixo (produtos industrializados) e mais custos sociais e ambientais. Trata-se de saber, de conhecer, como os produtos que consumimos foram produzidos. Conhecer todo o sistema de produção alimentar.

Dia 17 de novembro de 2007, o IPCC (sigla em inglês do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas das Nações Unidas) lançou o seu quarto relatório, uma síntese destinada a líderes políticos, para que tomem as medidas necessárias para enfrentar o aquecimento global. Esse documento reafirma, o que já havia sustentado nos relatórios anteriores, que a Revolução Industrial, iniciada em meados do século 18, é um fator determinante para o aumento da concentração de CO₂ na atmosfera, que está provocando o efeito estufa e a elevação da temperatura do

planeta. Essa tendência deverá continuar por vários séculos, mesmo que a humanidade controle a emissão de CO₂ e se estabilize a concentração de gases de efeito estufa. O IPCC afirma, textualmente, que “o aumento do nível do mar e o aquecimento são inevitáveis”.

Considerando que vamos ter que conviver, inevitavelmente, com o aquecimento global, mas que precisamos diminuir seus efeitos danosos; considerando que o *nosso estilo de vida* e, particularmente, a nossa alimentação têm considerável impacto no aquecimento global; considerando que a educação para a sustentabilidade e, particularmente, a educação para o consumo sustentável é parte fundamental dessa educação, e pode ter um impacto positivo na diminuição da emissão de CO₂; como educador, proponho que reunamos e engajemos o maior número de escolas e estudantes na mudança de estilo de vida, para construir hábitos de uma vida sustentável, particularmente por meio de uma alimentação ecologicamente sustentável. Ainda não utilizamos o potencial organizativo e transformador das escolas. Mais de um bilhão de crianças e jovens estudam hoje no mundo e uma mudança no seu estilo de vida faria uma grande diferença.

7. Educar para um outro mundo possível

As várias edições do Fórum Social Mundial (FSM), que se iniciou em Porto Alegre (Brasil), em janeiro de 2001, transformaram-se em momentos de reencantamento pela vida, pela luta, pela resistência, por “outro mundo é possível”. Quando alguém olha para qualquer um dos seus auditórios, sempre lotados, se emociona e se pergunta: “o que está nascendo de novo neste espaço?” A certeza é que algo está acontecendo, embora não esteja tão visível. As respostas não são muitas. Há mais perguntas do que respostas. Mas há a sensação de que algo maravilhoso está acontecendo. Há a **crença** de que “outro mundo é possível”.

É isso que une tanta gente que deseja transformar suas vidas para viver numa sociedade mais feliz, mais produtiva, mais justa, mais bonita, mais sustentável. Todos acreditam nessa possibilidade. Não têm a cabeça feita. Não têm muitas certezas, mas acreditam no “mundo

como possibilidade”, como dizia Paulo Freire.

A pergunta que podemos nos colocar é esta: O que nós, professores, temos a ver com isso? Como podemos contribuir para ver nascer este outro mundo possível?

A crença move o mundo. O FSM (SANTOS, 2005) é um espaço aberto, autogestionado, auto-organizado. Por isso, muitos são os caminhos apontados. No Fórum, todos eles são respeitados. Existe uma abertura para o outro como jamais vi em tantos e numerosos encontros dos quais já participei. Mais uma manifestação desta força transformadora invisível que faz do FSM o acontecimento paradigmático mais significativo deste início de milênio. Os movimentos sociais e populares, as organizações não governamentais e outras instituições que abraçaram a causa da construção de um outro mundo possível estão dando uma grande lição que precisamos aprender juntos.

O FSM é uma experiência extraordinária para qualquer um que dele participa. Uma experiência nova e renovada a cada novo encontro. Em cada um deles pode-se perceber que um outro mundo está sendo construído **desde já**. Ele já está presente na nossa procura, em cada um de nós, em cada momento que vivemos desses encontros impregnantes de esperança.

Um outro mundo é possível e necessário. Necessário não no sentido de uma predeterminação fatalista, mas como uma necessidade urgente e profunda, cuja realização, ou não, decide tantas coisas no futuro. (MÉSZÁROS, 2003, p. 50).

O FSM, com sua forma de funcionamento autogestionado, é um exemplo desse outro mundo possível, de como deve ser uma sociedade onde todos caibam, onde ninguém é excluído. Porque o velho mundo é um mundo de exclusão. Queremos deixar para trás o mundo da prepotência, da arrogância dos que tudo sabem e, por isso, tudo querem ensinar. O outro mundo possível é um mundo de **aprendizagem em rede**. O nosso mundo possível é um mundo onde todos podem perguntar, o mundo da “pedagogia da pergunta”, como sustentava Freire. (FREIRE; FAUNDEZ, 1985). É perguntando que o construiremos.

A grande novidade do FSM é que ele desbancou a descrença, o fatalismo neoliberal e o pensamento único. O pior não é o mundo que está aí. O pior é pensar que só esse mundo é possível. O pior é esse mundo transformado em fetiche: o discurso único fatalista que tudo domina. Atração fatal pela mercadoria, imutabilidade, atração fatal pelos objetos. A **fetichização**

instaurou um mundo de insensibilidade e de naturalização de tudo. Só uma nova **conscientização** contra a fetichização poderá desbloquear esse travamento da humanidade. Daí a importância do FSM como processo pedagógico. O FSM é também um movimento de reeducação planetária. Se um outro mundo é possível, uma “outra educação é necessária”, como sustenta o Fórum Mundial de Educação (FME).

Acredito que a mercantilização da educação (a educação como mercadoria, como negócio) é um dos desafios humanos mais decisivos da história atual. Só a educação poderá construir outra lógica, através da formação da consciência crítica, da educação cidadã contra a educação consumista, da luta incessante entre alienação e desalienação, entre conscientização e domesticação. Mas não basta afirmar que outro mundo é possível. É preciso mostrar como.

E, quando falamos da necessidade de “um outro mundo possível”, não nos referimos apenas a um “único” mundo possível. A diversidade é a característica fundamental da humanidade. Por isso, não pode haver um único modo de produzir e de reproduzir nossa existência no planeta. O que há de comum é a diversidade humana. Diante da diversidade humana abre-se a possibilidade da

diversidade de mundos possíveis. A um pensamento único não podemos opor outro pensamento único. Educar para outro mundo possível é educar para outros mundos possíveis. (GADOTTI, 2007).

Antes de responder à pergunta deste capítulo – “o que é educar para um outro mundo possível?” – gostaria de propor a reflexão em torno de outras **quatro perguntas** que precedem a pergunta sobre o papel da educação na transformação.

1° – *Por que devemos mudar o mundo?*

Porque estamos insatisfeitos com o mundo atual. Insatisfeitos porque é um mundo injusto. Os movimentos sociais, as organizações não governamentais e outras instituições e organizações, unidos pela “Carta de Princípios” do FSM, defendem a luta contra o neoliberalismo e propõem uma outra globalização. A globalização neoliberal é um modo injusto de produzir e reproduzir a nossa existência e põe em risco a existência do próprio planeta. Ela produz guerras, terrorismo, fome, a miséria de muitos e o bem-estar de poucos. Apesar da sua enorme diversidade, os participantes do FSM têm uma causa em comum: a construção de uma outra globalização (alterglobalização), de outros mundos possíveis.

2° – *A quem interessa mudar o mundo?*

Certamente, quem está se beneficiando deste mundo não vai se interessar em mudá-lo. A

mudança virá daqueles que sofrem, dos injustiçados e excluídos e daqueles que com eles se comprometem e lutam. Não só dos pobres e oprimidos, mas de todos e de todas que se comprometem com a mudança. Mudarão o mundo aqueles e aquelas que sabem que não basta estar consciente da necessidade da mudança. É preciso estar organizado em comunidades, identidades e grupos e convencer muita gente, inclusive aqueles que são coniventes com o mundo de hoje. Então, devemos ir além de onde estamos. A tarefa dos movimentos que desejam mudar o mundo é ter clareza do que mudar, convencer a maioria pela força dos argumentos e pela pressão social. Os poderosos não irão mudar o mundo. Só os que não possuem poder podem re-inventá-lo. São as pessoas comuns, nós, as multidões, que podemos mudar o mundo.

3º – O que é esse outro mundo possível?

As coisas começam a se complicar. Precisamos de respostas, mesmo que provisórias. Movimentos sociais ligados às causas ambientais, de direitos humanos, raciais, étnicas, de gênero, entre outros, estão nos indicando o caminho: um mundo não apenas produtivo, mas ambientalmente saudável, social e economicamente justo, com equidade de gênero e etnia. Mas estamos longe de concretizá-lo em nossa vida cotidiana, mesmo porque uma mudança profunda na vida social

está associada a uma mudança profunda na vida econômica. Grandes interesses econômicos deverão ser contrariados.

4° – *Como construir esse outro mundo possível?*

Como não se trata de um paraíso a ser conquistado, o outro mundo possível já está sendo construído. Não é uma utopia longínqua. É um “inédito viável”, como dizia Paulo Freire. Não é um dado, nem um **produto**. É um **processo**. Mesmo porque esse outro mundo possível é feito de *relações* – de novas relações – e não de **objetos**. E não se pense em tomar primeiro o poder para depois reconstruí-lo. Isso já não deu certo. (HOLLOWAY, 2003).

– O que é educar para um outro mundo possível?

– Antes de mais nada, educar para outros mundos possíveis é *visibilizar* o que foi escondido para oprimir, é dar voz aos que não são escutados. A luta feminista, o movimento ecológico, o movimento zapatista, o movimento dos sem terra e outros, tornaram visível o que estava invisibilizado por séculos de opressão. Por isso, podemos dizer que são movimentos de educação para um outro mundo possível. Paulo Freire, entre outros, foi um exemplo de educador de outros mundos possíveis, colocando no palco da história o oprimido, visibilizando o oprimido e sua relação com

o opressor.

Educar para outros mundos possíveis é educar para *conscientizar*, para *desalienar*, para *desfetichizar*. O fetichismo da ideologia neoliberal é o fetiche da lógica burguesa e capitalista que consegue solidificar-se a ponto de fazer crer que o mundo é naturalmente imutável. O fetichismo transforma as relações humanas em fenômenos estáticos, como se fossem impossíveis de serem modificadas. Fetichizados, somos incapazes de agir, porque o fetiche rompe com a capacidade de fazer. Fetichizados, apenas repetimos o já feito, o já dito, o que já existe.

Educar para outros mundos possíveis é educar para a emergência do que ainda não é, o ainda-não, a utopia. Assim fazendo, estamos assumindo a história como possibilidade e não como fatalidade. Por isso, educar para outros mundos possíveis é também educar para a *ruptura*, para a *rebeldia*, para a *recusa*, para dizer “não”, para gritar, para sonhar com outros mundos possíveis. Denunciando e anunciando.

O neoliberalismo concebe a educação como uma mercadoria, reduzindo nossas identidades às de meros consumidores, desprezando o espaço público e a dimensão humanista da educação. Opondo-se a esse paradigma, a educação para outros mundos possíveis respeita e valoriza a

diversidade, convive com a diferença, promovendo a intertransculturalidade. O núcleo central da **concepção neoliberal da educação** é a negação do sonho e da utopia. Por isso, uma educação para outros mundos possíveis é, sobretudo, a educação para o sonho, uma educação para a esperança.

A mercantilização *da educação* é um dos desafios mais decisivos da história atual, porque ela sobrevaloriza o econômico em detrimento do humano. Só uma educação emancipadora poderá inverter essa lógica, através da formação para a consciência crítica e para a desalienação. Educar para outros mundos possíveis é educar para a qualidade humana para “além do capital”, como nos disse István Mészáros na abertura da quarta edição do FME, em Porto Alegre, em janeiro de 2005. A globalização capitalista roubou das pessoas o tempo para o bem-viver e o espaço da vida interior, roubou a capacidade de produzir dignamente as nossas vidas. Cada vez mais gente é reduzida a máquinas de produção e de reprodução do capital.

Educar para outros mundos possíveis é fazer da educação, tanto formal quanto não formal, um espaço de *formação crítica* e não apenas de formação de mão de obra para o mercado; é inventar novos espaços de formação alternativos ao sistema formal de educação e negar a sua

forma hierarquizada numa estrutura de mando e subordinação; é educar para articular as diferentes rebeldias que negam hoje as relações sociais capitalistas; é educar para mudar radicalmente nossa maneira de produzir e de reproduzir nossa existência no planeta, portanto é uma *educação para a sustentabilidade*.

Não se pode **mudar o mundo** sem **mudar as pessoas**: mudar o mundo e mudar as pessoas são processos interligados. Mudar o mundo depende de todos nós: é preciso que cada um tome consciência e se organize. Educar para outros mundos possíveis é educar para superar a lógica desumanizadora do capital que tem no individualismo e no lucro seus fundamentos, é educar para transformar radicalmente o modelo econômico e político atual.

Não fomos educados para ter uma consciência planetária e sim a consciência do Estado-nação. Os sistemas nacionais de educação nasceram como parte da constituição do Estado-nação. A escola atual é resultado do pensamento da modernidade, modelada pelos Estados-nação. Ela não atende nem às exigências da *globalização* e nem do seu oposto, isto é, a *planetarização* como paradigma de uma comunidade una e diversa.

Educar para outros mundos possíveis exige dos educadores um *compromisso pela*

desmercantilização da educação e uma *postura eco-pedagógica* de escuta do universo, do qual todos e todas fazemos parte. Os educadores não devem dirigir-se apenas a alunos ou a educandos, mas aos habitantes do planeta, considerando-os a todos e a todas como cidadãos da mesma Matria.

A Terra é nosso primeiro grande educador. Educar para outros mundos possíveis é também educar para encontrar nosso lugar na história, no universo. É educar para a paz, para os direitos humanos, para a justiça social e para a *diversidade cultural*, contra o sexismo e o racismo. É educar para erradicar a fome e a miséria. É educar para a *consciência planetária*. É educar para que cada um de nós encontre o seu lugar no mundo, educar para pertencer a uma comunidade humana planetária, para sentir profundamente o universo.

É **educar para a planetarização**, não para o globalismo. Vivemos num planeta e não num globo. O globo refere-se a sua superfície, a suas divisões geográficas, a seus paralelos e meridianos. O globo refere-se a aspectos cartoriais, enquanto o planeta, ao contrário dessa visão linear, refere-se a uma totalidade em movimento. A Terra é um superorganismo vivo e em evolução. Nosso destino, enquanto seres humanos, está ligado ao destino desse ser chamado Terra. Educar para outros mundos possíveis é educar para ter uma relação

sustentável com todos os seres da Terra, sejam eles humanos ou não.

É educar para viver no cosmos – educação planetária, cósmica e cosmológica – ampliando nossa compreensão da Terra e do universo. É educar para ter uma *perspectiva cósmica*. Só assim poderemos entender mais amplamente os problemas da desertificação, do desflorestamento, do aquecimento da Terra, da água, do lixo e dos problemas que atingem humanos e não humanos.

Os *paradigmas clássicos*, arrogantemente antropocêntricos e industrialistas, não têm suficiente abrangência para explicar essa realidade cósmica. Por não ter essa visão holística, não conseguiram dar nenhuma resposta para tirar o planeta da rota do extermínio e do rumo da cruel diferença entre ricos e pobres. Os paradigmas clássicos estão levando o planeta ao esgotamento de seus recursos naturais. A crise atual é uma crise de paradigmas civilizatórios. Educar para outros mundos possíveis supõe um novo paradigma, um paradigma holístico.

8. Ser professor, ser educador

“Educadores, onde estarão?”, pergunta Rubem Alves.

E ele mesmo responde:

Em que covas terão se escondido? Professores, há aos milhares, mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão, é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança. [E continua] Com o advento da indústria como poderia o artesão sobreviver? Foi transformado em operário de segunda classe, até morrer de desgosto e saudade. O mesmo com os tropeiros, que dependiam das trilhas estreitas e das solidões, que morreram quando o asfalto e o automóvel chegaram. Destino igualmente triste teve o boticário, sem recursos para sobreviver num mundo de remédios prontos. Foi devorado no banquete antropofágico das multinacionais. (ALVES, 1982, p. 16).

Rubem Alves é um emérito escritor, psicanalista, educador respeitado, mas é, sobretudo, um semeador de sonhos e de ideias que dão a pensar. Foi assim que introduziu uma intrigante distinção entre **ser professor** e **ser educador**:

Com o advento do utilitarismo a pessoa passou a ser definida pela sua produção; a identidade é engolida pela função. E isto se tornou tão arraigado que, quando alguém nos pergunta o que somos, respondemos inevitavelmente dizendo o que fazemos. Com essa revolução instaurou-se a possibilidade de se gerenciar e administrar a personalidade, pois que aquilo que se faz e se produz, a função, é passível de medição, controle, racionalização. A pessoa praticamente desaparece, reduzindo-se a um ponto imaginário em que várias funções são amarradas. É isto que eu quero dizer ao afirmar que o nicho ecológico mudou. O educador, pelo menos o ideal que minha imaginação constrói, habita um mundo em que a interioridade faz uma diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos. O professor, ao contrário, é funcionário de um mundo dominado pelo Estado e pelas empresas. É uma entidade gerenciada, administrada segundo a sua excelência funcional, excelência esta que é sempre julgada a partir dos interesses do sistema. Frequentemente o educador é mau funcionário, porque o ritmo do

mundo do educador não segue o ritmo do mundo das instituições. Não é de se estranhar que Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) tenha se tornado obsoleto. Porque a educação que ele contempla ocorre colada ao imprevisível de uma experiência de vida ainda não gerenciada. (ALVES, 1982, p. 18-19).

E conclui mais a frente:

Talvez um professor seja um funcionário das instituições... O educador, ao contrário é um fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos. Não sei como preparar o educador. Talvez isto não seja nem necessário nem possível... É necessário acordá-lo. E aí aprenderemos que educadores não se extinguíram como tropeiros e caixeiros. (ibidem, p. 28).

As reações às provocações de Rubem Alves não se fizeram esperar. Suas teses geravam uma saudável polêmica. O professor Jefferson Ildefonso da Silva sustenta que existe um “falso dilema” entre educador e professor. Esse dilema

[...] se dilui e perde sua relevância ao se encarar a formação do educador para além do âmbito pedagógico ou individualista, para situá-lo na perspectiva de uma proposta e teoria pedagógica que incorpore o caráter político da prática pedagógica e sua

dependência da práxis social global, onde se dá a luta hegemônica das classes. (SILVA, 1991, p. 13).

Todo professor é, por função, educador. Para ele, o educador é um intelectual dirigente, orgânico. Numa sociedade dividida, ele não é neutro. Numa perspectiva emancipadora, o educador é um intelectual orgânico das classes populares, a favor dos interesses das pessoas que necessitam de educação.

Com ele, também concorda meu ex-aluno e amigo, a quem ensinei e, sobretudo, com quem muito aprendi e continuo aprendendo, o professor Celso dos Santos Vasconcellos, para o qual seria um contrassenso pensar que a classe dominante se disponha a oferecer um ensino popular de qualidade que desvende as relações de dominação existentes na sociedade:

A escola para o povo só tem sentido numa nova forma de organizar a sociedade. Não é possível fazer uma escola para todos dentro de uma sociedade para alguns! Ou seja, a democratização da escola precisa ser acompanhada de um novo projeto social. (VASCONCELLOS, 2001, p. 49).

Formar para e pela cidadania não pode limitar-se a uma formação genérica para uma sociedade que não existe. Uma **educação cidadã** precisa

ser uma **educação de classe**.

Vasconcellos insiste na questão do **sentido da função docente**. Ele sustenta que os educadores não estão sabendo articular o “novo sentido” da sua profissão, sobretudo em função de seu desgaste profissional. Ele sustenta que o que vai dar sentido à sua profissão é justamente

[...] a esperança de poder construir uma realidade diferente e de que a escola pode contribuir para a concretização desta sociedade mais humana. O mesmo movimento que recupera o sentido do trabalho do professor é o que dá sentido ao estudo para o aluno. Estamos no mesmo barco; daí a importância de ver no aluno – e na comunidade – um aliado (e não um inimigo, como tem acontecido amiúde). (ibidem, p. 52).

Vasconcellos insiste na necessidade do professor “ganhar” o aluno para

[...] a indispensável mudança que deve ocorrer: não se trata mais de estudar simplesmente para poder garantir o seu lugarzinho no bonde da história; trata-se, isto sim, de estudar a fim de ganhar competência e ajudar a mudar o rumo deste bonde, ou seja, ajudar a construir uma sociedade onde haja lugar para todos!. (idem, ibidem).

Vasconcellos cita, a seguir, um artigo da *Folha de S.Paulo*, segundo o qual “o Brasil logo terá dois tipos de pessoas: os que não comem, porque não têm o que comer e os que não dormem, de medo dos que não comem”.

Diante desse quadro, o professor competente, profissionalmente, o professor “que sabe” não pode ficar indiferente. Porque ser comprometido, engajar-se, ser ético faz parte da sua competência como professor. Como profissional do sentido, sua profissão está ligada ao amor e à esperança. Ela não se extinguirá enquanto houver espaço para a construção da humanidade.

A esperança, para o professor, a professora, não é algo vazio, de quem “espera” acontecer. Ao contrário, a **esperança** para o professor encontra sentido na sua própria profissão, a de transformar pessoas, a de construir pessoas, e alimentar, por sua vez, a esperança delas para que consigam, por sua vez, construir uma realidade diferente, “mais humana, menos feia, menos malvada”, como costumava dizer Paulo Freire. Uma educação sem esperança não é educação.

A educação, nesse sentido, confunde-se com o **processo de humanização**. Respondendo à questão “como o professor pode tornar-se um intelectual na sociedade contemporânea?”, o geógrafo brasileiro Milton Santos, falecido no ano de 2001, respondeu:

Quando consideramos a história possível e não apenas a história existente, passamos a acreditar que outro mundo é viável. E não há intelectual que trabalhe sem idéia (sic!) de futuro. Para ser digno do homem, qual seja, do homem visto como projeto, o trabalho intelectual e educacional tem de ser fundado no futuro. É dessa forma que os professores podem tornar-se intelectuais: olhando o futuro. (SANTOS, 1999, p. 14).

Pensar a educação do futuro e o futuro da humanidade é pensar holisticamente, pensar a totalidade. E educar holisticamente é estimular o desenvolvimento integral do ser humano em sua **totalidade pessoal** (intelectual, emocional, física) relacionada com a **totalidade do mundo da vida** (os outros seres vivos, a comunidade, a sociedade) e a **totalidade cósmica** (a Terra, o universo). Educar holisticamente é entender o ser humano como um ser que transcende, que ultrapassa todos os limites, “até o último horizonte”, como diz Leonardo Boff (2000).

O professor precisa indagar-se constantemente sobre o sentido do que está fazendo. Se isso é fundamental para todo ser humano, como ser que busca sentido o tempo todo, para toda e qualquer profissão, para o professor é também um dever profissional. Faz parte de seus saberes

profissionais continuar indagando, junto com seus colegas e alunos, sobre o sentido do que estão fazendo na escola. Ele está sempre em **processo de construção de sentido**. Como diz Celso Vasconcellos (2001, p. 51-52),

[...] o sentido não está pronto em algum lugar esperando ser descoberto. O sentido não advém de uma esfera transcendente, nem da imanência do objeto ou ainda de um simples jogo lógico-formal. É uma construção do sujeito! Daí falarmos em produção. Quem vai produzir é o sujeito, só que não de forma isolada, mas num contexto histórico e coletivo [...]. Ser professor, na acepção mais genuína, é ser capaz de fazer o outro aprender, desenvolver-se criticamente. Como a aprendizagem é um processo ativo, não vai se dar, portanto, se não houver articulação da proposta de trabalho com a existência do aluno; mas também do professor, pois se não estiver acreditando, se não estiver vendo sentido naquilo, como poderá provocar no aluno o desejo de conhecer?

Celso Vasconcellos (ibidem, p. 55) insiste, em seu livro, que o papel do professor é “educar através do ensino”. Ele pode apenas ensinar tabuada, mas só educa através do ensino quando construir o sentido da tabuada junto com seu aprendiz, porque, como diz ele, ensinar vem do latim *insignare*,

que significa “marcar com um sinal”, atuar na construção do significado do que fazemos. Tudo o que fazemos precisamos fazer com sentido, tudo o que estudamos tem que ter sentido.

Os dois maiores educadores do século passado, John Dewey (1859-1952) e Paulo Freire (1921-1997), cada um a seu modo, procuraram responder a essa questão e centraram suas análises na relação entre “educação e vida”, reagindo às pedagogias tecnicistas do seu tempo – tanto de esquerda quanto de direita – que só se preocupavam com métodos e técnicas. “Gostaria de ser lembrado como alguém que amou a vida”, disse Paulo Freire duas semanas antes de falecer. A educação só tem sentido como vida. Ela é vida. A escola perdeu seu sentido de humanização quando ela virou mercadoria, quando deixou de ser o lugar onde a gente aprende a ser gente, para tornar-se o lugar onde as crianças e os jovens vão para aprender a competir no mercado.

A educação, para ser transformadora, emancipadora, precisa estar **centrada na vida**, ao contrário da educação neoliberal que está centrada na competitividade sem solidariedade. Para ser emancipadora, a educação precisa considerar as pessoas, suas culturas, respeitar o modo de vida das pessoas, sua identidade. O ser humano é “incompleto e inacabado”, como diz Paulo Freire (1979, p. 27), em formação permanente.

Por isso, hoje, o professor precisa mostrar que o neoliberalismo, com sua política de **mercantilização da educação**, tornou a sua profissão descartável. É preciso mostrar também que uma educação de qualidade para todos é inviável e contrária ao projeto político neoliberal capitalista. É preciso fazer a análise crítica, social, econômica. Mas tudo isso não basta. É preciso que a rigorosa análise da situação não fique nela, mas aponte caminhos e nos indique como caminhar. Caso contrário, as análises sociológicas e políticas, por mais rigorosas e corretas que sejam, ajudam apenas para manter o imobilismo e a falta de perspectivas para o educador. Há que superar tanto o imobilismo quanto a prática do imediatismo tarefeiro e descomprometido com um projeto amplo de sociedade.

O poder do professor está tanto na sua capacidade de refletir criticamente sobre a realidade para transformá-la quanto na possibilidade de formar um grupo de companheiros e companheiras para lutar por uma causa comum. Paulo Freire insistia que a escola transformadora era a “**escola de companheirismo**”, por isso sua pedagogia é uma pedagogia do diálogo, das trocas, do encontro, das redes solidárias. “Companheiro” vem do latim e significa “aquele que partilha o pão”. Trata-se portanto de uma postura radical, ao mesmo tempo crítica e solidária.

Às vezes somos apenas críticos e perdemos o afeto dos outros por falta de companheirismo. Não haverá superação das condições atuais do magistério sem um profundo sentimento de companheirismo. Lutando sozinhos, chegaremos apenas à frustração, ao desânimo, à lamúria. Daí o sentido profundamente ético dessa profissão. No fundo, para enfrentar a barbárie neoliberal na educação, vale ainda a tese de Marx de que “o próprio educador deve ser educado”, educado para a construção histórica de um sentido novo de seu papel.

Conclusão

Uma profissão insubstituível

E escrevi este pequeno livro inspirado na *Pedagogia da autonomia* de Paulo Freire, onde ele trabalhou principalmente a ética e a estética do ser professor: o que ele deve saber para ser professor, como ele deve ser para ser professor.

Paulo Freire sonhava com uma sociedade, um mundo onde coubessem todos. A educação pode dar um passo na direção deste outro mundo possível se ensinar as pessoas com um novo paradigma do conhecimento, com uma visão do mundo onde todas as **formas de conhecimento** tenham lugar, se dotar os seres humanos de **generosidade epistemológica**, um pluralismo de ideias e concepção que se constitui na grande riqueza de saberes e conhecimento da humanidade.

Creio que existe, ainda, na comunidade humana, uma imensa reserva de altruísmo e de solidariedade, um dique que o educador precisa conhecer e

potencializar para romper as barreiras do representamento. Educar é empoderar. Não é tanto ensinar quanto reencantar. Ou melhor, ensinar, nesse contexto, é reencantar, despertar a capacidade de sonhar, despertar a crença de que é possível mudar o mundo. Essa profissão, por isso, é insubstituível. Não podemos imaginar um futuro sem ela. Não podemos imaginar um futuro sem professores. Nisso, acredito nas palavras de Rubem Alves:

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...⁹.

A esta altura, muitos leitores e leitoras estarão se perguntando se eu não estaria idealizando a figura do professor, ignorando totalmente a estrutura caótica imposta às redes e sistemas de ensino pelo Estado capitalista que acaba culpabilizando o próprio professor pelos fracassos da escola.

É verdade, o cenário não é otimista. Eu não poderia, de forma alguma, ignorá-lo. Ao contrário, precisamos reacender o sonho de ser professor com sentido, justamente para combater esse estado de coisas. Precisamos reafirmar o sonho

⁹ Rubem Alves, em carta enviada a alguns amigos, no final de 2001.

justamente, como nos diz Paulo Freire, para fazer frente “à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia”. (FREIRE, 1997, p. 15).

Sair do plano ideal para a prática não é abandonar o sonho para agir, mas agir em função dele, agir em função de um projeto de vida e de escola, de cidade, de mundo possível, de planeta... um projeto de esperança.

Referências

- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1981.
- _____. Sobre moluscos e homens. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 fev. 2002, p. 3.
- _____. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). *O educador: vida e morte – escritos sobre uma espécie em perigo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ANTUNES, Ângela. *Aceita um conselho? Como organizar o colegiado escolar*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2002.
- _____. *Leitura do mundo no contexto da planetarização: por uma pedagogia da sustentabilidade*. 2002. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito*. São Paulo: Sextante, 2000.
- BRANDÃO, Carlos R. (Org.). *O educador: vida e morte – escritos sobre uma espécie em perigo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CNTE, Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação. *Educação: carinho e trabalho – Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*. Brasília: CNTE, 1999.
- CORTESÃO, Luiza. *Ser professor: um ofício em risco de extinção*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2002.
- DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. São Paulo: Cortez, 1998.
- DEMO, Pedro. *Ironias da educação: mudança e contos sobre mudança*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000a.

- . *Saber pensar*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2000b.
- . *Conhecer & Aprender – Sabedoria dos limites e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- DOWBOR, Ladislau. *A reprodução social: propostas para uma gestão des-centralizada*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- . *Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ESTEVE, José M. *O mal-estar docente*. Lisboa: Escher, 1992.
- FERNÁNDEZ, Alícia. *A mulher escondida na professora*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- . *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho D'Água, 1993.
- . *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- ; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- GADOTTI, Moacir. *Educar para um outro mundo possível*. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.
- . *Pedagogia da Terra*. São Paulo, Peirópolis, 2001.
- . *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- HOLLOWAY, John. *Mudar o mundo sem tomar o poder: o significado da revolução hoje*. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Viramundo, 2003.
- IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo: Cortez, 2000.
- KILPATRICK, William Heard. *Educação para uma civilização em mudança*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.
- MARQUES, Mário Osório. *A formação do profissional da educação*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1992.
- MCLUHAN, Herbert M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- MORIN, Edgar. *Sete saberes necessários à educação do futuro*. Brasília, DF: Unesco, 2001.

- NÓVOA, António (Org.). *Profissão professor*. Porto: Porto, 1991.
- O'SULLIVAN, Edmund. *Aprendizagem transformadora: uma visão educacional para o século XXI*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2004.
- PADILHA, Paulo Roberto. *Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola*. Cortez/Instituto Paulo Freire, 2001.
- PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PESSANHA, Eurize Caldas. *Ascensão e queda do professor*. São Paulo: Cortez, 1994.
- SANTOS, Boaventura Souza. *Fórum Social Mundial: manual de uso*. São Paulo: Cortez, 2005.
- SANTOS, Milton. O professor como intelectual na sociedade contemporânea. In: São Paulo, *Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*, São Paulo, 9, 1999. Anais... : ENDIPE, 1999. v. III.
- _____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000.
- _____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2001.
- SCHÖN, Donald. *Educando o profissional reflexivo*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SILVA, Jefferson Ildelfonso da. *Formação do educador e educação política*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.
- SNYDERS, Georges. *A alegria na escola*. São Paulo: Manole, 1986.
- TAMARIT, José. *Educar o soberano: crítica ao iluminismo pedagógico de ontem e de hoje*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1996.
- TREVISAN, Leonardo. *[Professores são desvalorizados]*. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 1 jul. 1989, p. 2.
- UNESCO. *Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014)*. Brasília, DF, 2005.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação*. São Paulo: Libertad, 2001.

Inspirei-me em Paulo Freire para escrever este livro. Paulo Freire nos fala, em sua *Pedagogia da autonomia*, da “boniteza de ser gente”, da boniteza de ser professor: “ensinar-e-aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. Paulo Freire chama a atenção para a essencialidade do componente estético da formação do educador. Coloquei um título que fala de sonho e de sentido, que querem dizer a mesma coisa. “Sentido” quer dizer “caminho não-percorrido, mas que se deseja percorrer”, portanto, significa projeto, sonho, utopia. Aprender e ensinar com sentido é aprender e ensinar com um sonho na mente.

Moacir Gadotti

Ed,L

Editora e Livraria
Instituto
Paulo Freire

